



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

VINNY GOMES GONÇALVES

**RETOMADA NHE'ENGATU EM VIAMÃO RS: LUTA, RESISTÊNCIA E
ANCESTRALIDADE DO POVO GUARANI MBYA**

Florianópolis - SC

2025

Vinny Gomes Gonçalves

**RETOMADA NHE'ENGATU EM VIAMÃO RS: LUTA, RESISTÊNCIA E
ANCESTRALIDADE DO POVO GUARANI MBYA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Orientadora: Maria Dorothea Post Darella

Gomes Gonçalves, Vinny

RETOMADA NHE'ENGATU EM VIAMÃO RS : LUTA, RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE DO POVO GUARANI MBYA / Vinny Gomes Gonçalves ; orientadora, Maria Dorothea Post Darella, 2026.

69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. 2. Retomadas. 3. Tekoa. 4. Guarani Mbya. 5. Nhe'engatu. I. Post Darella, Maria Dorothea . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Campus Universitário - Trindade CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3721-4879 – 3721-2600

licenciaturaindigena@cfh.ufsc.br

Ata da Banca de Defesa de TCC de

Vinny Gomes Gonçalves

Karai Tatendy Yapuá

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano dois mil e vinte e cinco, às 14h, na sala 110 – Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos(as) Professores(as) Maria Dorothea Post Darella (Orientadora e Presidente), Dra Edviges Marta Ioris e Ms. Silvia Maria de Oliveira, designada pela Portaria nº. 60/HST/CFH/2025, do Senhor Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) Vinny Gomes Gonçalves Karai Tatendy Yapuá, matrícula - 22103955, subordinada ao título: RETOMADA NHE'ENGATU EM VIAMÃO RS: LUTA, RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE DO POVO GUARANI MBYA. Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube a(o) aluna(o), na forma regimental, expor o tema do seu TCC, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foi arguida pelos membros da banca examinadora. Em seguida, deu as explicações que se fizeram necessárias. A seguir a banca examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do curso, sendo o candidato () Reprovado; (X) Aprovado. Nota 10,0. O texto final (TCC) deverá ser entregue na biblioteca no prazo de **90 dias** a contar da presente data, levando em consideração as recomendações da banca examinadora.

Banca Examinadora:

Profª Drª Maria Dorothea Post Darella (Orientadora e Presidente) – UFSC

Profª. Dra Edviges Marta Ioris – UFSC

Ms. Silvia Maria de Oliveira

Aluno(a): Vinny Gomes Gonçalves Karai Tatendy Yapuá

Dedico à minha família.

Aos meus filhos Mariah e Theodor.

Aos meus pais Para Rete (Genira Gomes) e Karai
Tataendy (Maurício da Silva Gonçalves).

Aos meus avós maternos já falecidos Karai Nhe'engatu
(Turibio Gomes) e Kerexu Mirim (Laurinda Borges).

Aos meus avós paternos Carlito Gonçalves e Maria
Helena da Silva, já falecida.

A todos os meus irmãos e irmãs.

“Eu não ia existir, eu não ia existir.
Pois o meu pai ele estava alcançando o Aguyje
(Estado de perfeição).
Ele estava pronto para ir à casa de Nhanderu
Sem deixar o corpo na terra.
Mas por algum motivo ele não foi.
Se ele fosse para casa de Nhanderu eu não ia estar
aqui. Seu avô Turibio dizia.”

Para Rete (2025).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Nhanderu Karai ru ete (Deus da Sabedoria) por ter me dado forças nessa caminhada.

Agradeço à minha família, que me deu apoio em todos os momentos.

Agradeço à minha orientadora Maria Dorothea Post Darella que me ajudou a concluir esse trabalho.

Agradeço a Tekoa Nhe'engatu por ter me recebido com carinho ao realizar a minha pesquisa de campo.

Agradeço o curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da UFSC.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a luta e a resistência do povo Guarani Mbya na retomada Nhe'engatu, localizada em Viamão-RS, ocorrida em fevereiro de 2024, bem como analisar o patamar em que esse território se encontra no processo demarcatório de terras indígenas no Brasil. Além disso, busca refletir sobre a importância do território e da demarcação para os Guarani Mbya que estão nessa ocupação, ouvindo suas lideranças e anciãos sobre os desafios enfrentados nessa caminhada.

O trabalho também aborda a trajetória dos xeramoin já falecidos Karai Nhe'engatu (Turíbio Gomes) e xejaryi Kerexu Mirim (Laurinda Borges), que tiveram papel fundamental na busca por um território para sua família e seu povo Guarani Mbya, sendo hoje lembrados como símbolos de resistência e ancestralidade na retomada Nhe'engatu.

Palavras-chave: Retomadas; Tekoa; Guarani Mbya; Nhe'engatu.

MBA'EAPO REGUA

Kova'e mba'eapo py ma oexauka tá mba'eixa pa agy mbya kuery yvy re jurua kuery rovoai ikuai va'e retomada Nhe'engatu Viamão-RS py, dia 14 de fevereiro de 2024 onhepyru va'ekue, jaexa ta mba'e processo py pa ha'eva'e yvy oin, ha'egui mba'eixa pa processo de demarcação agy Brasil oin. Jaexa ta ve mba'ere pa importante agy nhandevy mbya kuery pe nha retoma agua agy nhande yvy rã aendu ague gui huvixa kuery gui ha'egui tuja kue gui.

Kova'e mba'eapo py ma jaexa ta ave nhandereja va'ekue xeramoin Karai Nhe'engatu (Turibio Gomes) ha'egui xejaryi Kerexu Mirim (Laurinda Borges) mba'e rupi pa oaxa ague mokoin ve'i, mba'exa pa ikuai ague yvy oeka jave yma ve. Ha'egui kova'e yvy o retoma ague py importante papel oguerekoa mokoin ve mbya kuery ha'e javi pe.

Ayu ojeporu ve va'e: Mbya Guarani; Tekoa; Nhe'engatu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da aldeia Itanhaém no estado de Santa Catarina.....	15
Figura 2 – Localização da aldeia Itanhaém no município de Biguaçu-SC	16
Figura 3 e 3A – Aldeia Itanhaém	17
Figura 4 – Mapa Guarani Continental.....	18
Figura 5 – Mapa de aldeias Guarani em toda a Yvy Rupa (Captura de tela).....	18
Figura 6 – Casas improvisadas com lonas.	19
Figura 7 – Casarão perto do lago com a mensagem da retomada.	20
Figura 8 – Limite da Tekoa Nhe’engatu.	23
Figura 9 – Lago da Tekoa Nhe’engatu.....	24
Figura 10 – Escola improvisada.	Erro! Indicador não definido.
Figura 11 – Parte interior de uma das tendas escolares.....	26
Figura 12 – Entrada da Trilha Tangará.	27
Figura 13 – Opy.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 14 – Casal Turibio e Laurinda.	29
Figura 15 – Xeramoin Turibio.	30
Figura 16 – Xejaryi Laurinda.	31
Figura 17 – Genira Gomes.	32
Figura 18: Mapa da trajetória de Turibio e Laurinda em RS.....	34
Figura 19 – Cacique Eloir de Oliveira (Wera Xondaro/Monde).....	34
Figura 20 – Conversa com Eloir, juntamente com a minha orientadora.	36
Figura 21 – Alzira Gomes (Kerexu).....	37
Figura 22 – Famílias plantando mudas.	38
Figura 23 – Claudia Gomes (Kerexu Mirim).	38

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
ANHEMOMBE’U	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O POVO GUARANI MBYA.....	15
O MEU TERRITÓRIO: ALDEIA ITANHAÉM – BIGUAÇU (SC)	15
RETOMADAS INDÍGENAS	19
Processo de demarcação de terras indígenas no Brasil	21
CAPÍTULO 2 - A RETOMADA NHE’ENGATU.....	Erro! Indicador não definido.
OPY.....	Erro! Indicador não definido.
XERAMOIN TURIBIO E XEJARYI LAURINDA	29
CONVERSAS E RELATOS	34
AMEAÇAS E DESAFIOS À RETOMADA NHE’ENGATU	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
GLOSSÁRIO	43
ANEXO 1 – RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO DA FUNAI	44
ANEXO 2 – CARTA DE RETOMADA ENVIADA A FUNAI.....	62
ANEXO 3 – MINHA FAMÍLIA.....	64

APRESENTAÇÃO

O meu nome em português é Vinny, em guarani mbya é Karai Tataendy Yapua. Sou filho de Genira Gomes Para Rete (filha de Turíbio Gomes Karai Nhe'engatu e Laurinda Borges Kerexu Mirim) e Maurício da Silva Gonçalves Karai Tataendy (filho de Carlito e Maria Elena).

Resido atualmente na Aldeia Itanhaém - Morro da Palha, uma aldeia que faz parte do município de Biguaçu, na região litorânea de Santa Catarina. Sou natural de Viamão, município que fica no estado do Rio Grande do Sul. Nasci em 2004 na aldeia Tekoa Nhundy - Estiva, onde morava com minha mãe, meu pai e meus nove irmãos. Também sou o filho mais velho de minha mãe com meu pai, somando quatro irmãos. Tekoa Nhundy é uma aldeia de sete hectares que na época de 1999 foi doada pela prefeitura de Viamão para a minha família, que morava em acampamentos. Nhundy significa “campos” em guarani, que também descreve a terra indígena, pois na época não tinha nenhum tipo de mata ou floresta. Hoje graças aos Guarani existem pequenas áreas que são cobertas de árvores e plantas. Ali cresci e estudei até o segundo ano do Ensino Médio, aos 16 anos de idade. Depois eu saí de casa e vim para o estado de Santa Catarina na aldeia Itanhaém, onde continuei meus estudos e me formei no Ensino Médio. Me casei e hoje tenho dois filhos, Mariah Gomes Martins Para Mirim e Theodor Gomes Martins. Sou professor de anos iniciais na Escola Indígena de Ensino Básico Taguató.

ANHEMOMBE'U

Xee ma xerera jurua py Vinny, mbya py ma Karai Tataendy Yapua. Xeru kuery ma Para Rete (Genira Gomes) ha'egui Karai Tataendy (Mauricio da Silva Gonçalves). Xeramoin Kuery ma xexy gui Karai Nhe'engatu ha'egui Kerexu Mirim, xeru gui ma Carlito Gonçalves ha'egui Maria Helena da Silva.

Agy ma aiko tekoa Itanhaém (Aldeia Morro da Palha) py, município Biguaçu regua re ha'egui Estado de Santa Catarina (SC) py. Va'eri xee ma aiko ague município de Viamão, Rio Grande do Sul py gua. Xee ma 2004 regua ré Tekoa Nhundy (Aldeia Estiva) py aiko kuri xexy ha'egui xejoapy kuery reve. Ha'evae tekoa ma kyri'in va'e, yma ve xexy ha'egui xexy'y kuery pe jurua kuery ome'en va'ekue. 16 anos areko kuri kyvon Santa Catarina re aju ypy jave he'egui agy ma 21 anos areko, ikuai ma ve xera'y kuery mokoin Para Mirim ha'egui Theodor, agy ave professor rami aiko EIEB Taguato py.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a luta do povo Guarani Mbya no sul do estado do Rio Grande do Sul, onde fiz a pesquisa em uma retomada guarani, ocorrida em fevereiro de 2024. Nomeada como Retomada Nhe'engatu, está localizada no endereço Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy, bairro Vila Elsa, município de Viamão/RS.

Sobre o termo “retomada”, o conceito será explicada no Capítulo 1 página 19.

Na carta da retomada enviada à Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) em 14 de fevereiro de 2024, escrita pelos Guarani Mbya, os Guarani afirmam que estão cansados de viver à beira de estradas, em casas improvisadas com lonas, e até mesmo em terras que não têm a mínima condição de plantar ou criar roças.

Atualmente existem quatro povos indígenas no estado do RS, Guarani Mbya, Kaingang, Xokleng e Charrua, totalizando uma população de 36.102 pessoas (Censo IBGE, 2022). Diferente de outras regiões e estados, as lutas de retomadas no Rio Grande do Sul em busca de ocupar o que já foi nosso ainda é muito forte, tendo até mesmo união de povos na luta pelos territórios. Um exemplo disso é a retomada Kagma, iniciada no dia 2 de maio de 2025, em Canoas, um município localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, pelos povos Kaingang e Xokleng juntos, sobre a qual dizem estar reocupando a terra de seus antepassados.¹

Segundo o cacique Eloir de Oliveira, da retomada Nhe'engatu, existe um Fórum de Retomadas Guarani chamado “Ayu Porã”, que reúne lideranças de todas as retomadas existentes no RS até então.

Na retomada Nhe'engatu são homenageados o xeramoin Karai Nhe'engatu, conhecido como Turibio Gomes, e a xejaryi Kerexu Mirim, conhecida como Laurinda Borges, casal já falecido, mas cujos nhe'e guiam os Guarani nessa busca de retomar o território. Os dois eram lideranças e lutavam por uma qualidade de vida melhor para o povo Guarani Mbya no Rio Grande do Sul.

¹ “Retomada Kaingang e Xokleng ocupa área abandonada do INSS em Canoas”. Disponível em: <https://teiadospovos.org/retomada-kaingang-e-xokleng-ocupa-area-abandonada-do-inss-em-canoas/> (acesso em 16 de setembro de 2025).

Essa área de retomada faz parte de um território de ocupação tradicional guarani que é conhecido historicamente como Yvy Rupa, um território muito extenso que abrange vários países da América do Sul, entre eles Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

E como dito anteriormente na apresentação, sou neto de Karai Nhe'engatu (Turibio Gomes) e Kerexu Mirim (Laurinda Borges), um casal de anciãos cuja trajetória de luta pela terra inspirou profundamente a minha família. A retomada Nhe'engatu em Viamão (RS) está ligada diretamente com a história deles, pois essa ocupação foi conduzida pelas suas filhas e netos, entre eles minha mãe Para Rete e minhas tias, que seguem o sonho de seus pais de conquistar uma terra ampla com matas, rios e espaço para plantar e viver o Nhandereko (modo de ser guarani). Essa ligação familiar e ancestral foi o que me motivou a escolher esse lugar como tema e campo da minha pesquisa.

CAPÍTULO 1 – O POVO GUARANI MBYA

O povo Guarani é constituído por subgrupos, existindo os Guarani Mbya, Kaiowa, Nhandeva e Ava, pertencentes ao tronco linguístico Tupi-Guarani, família linguística Tupi-Guarani. O povo Guarani Mbya é um povo indígena que habita vários estados do Brasil, como Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, havendo também uma aldeia no Pará. Vale lembrar que o povo Guarani está atualmente presente em outros países além do Brasil, como Argentina, Paraguai e Bolívia. Todos fazem parte do território abrangente milenar ancestral do povo Guarani, chamado Yvy Rupa ou Território Guarani.

Nosso povo tem fortes ligações com a terra, sendo que hoje no Brasil essa é uma das principais lutas do povo indígena. Trata-se da reocupação de terras originárias que, ao longo da história, muitos desses grupos guaranis acabaram perdendo para os colonizadores. Nesse processo, vários Guarani foram mortos, violentados e expulsos de suas terras de ocupação, hoje ocupadas por não indígenas.

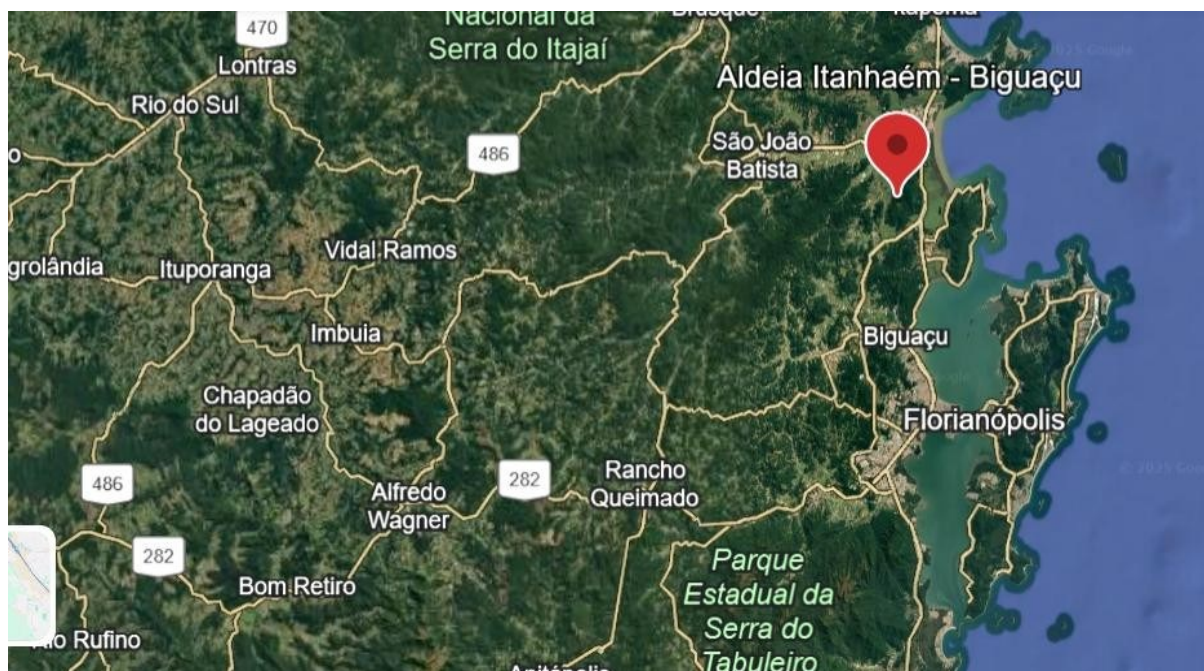
MEU TERRITÓRIO: ALDEIA ITANHAÉM - BIGUAÇU (SC)

Figura 1. Localização da Aldeia Itanhaém no estado de Santa Catarina (Captura de Tela).



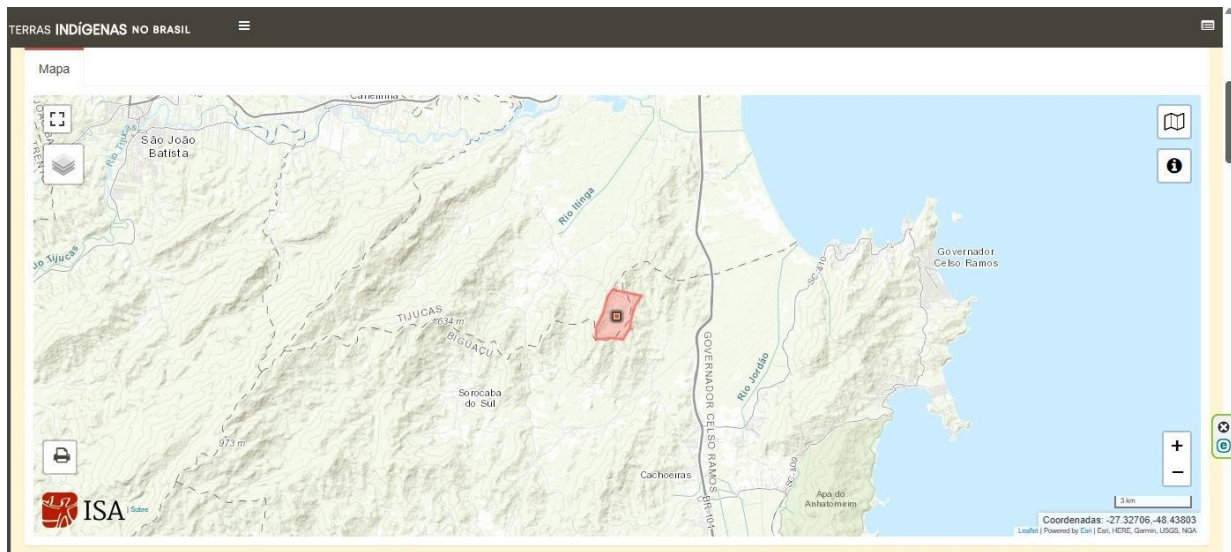
Fonte: Imagem retirada do Google Earth em 12 de novembro de 2025.

Figura 2. Localização da aldeia Itanhaém no município de Biguaçu-SC (Captura de tela).



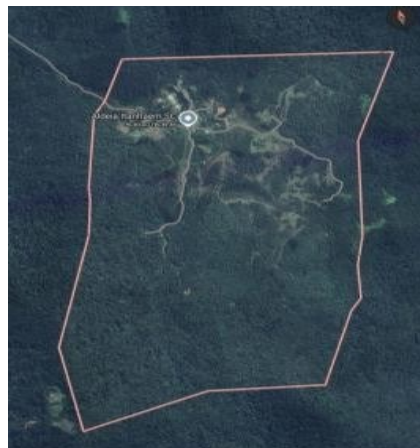
Fonte: Imagem retirada do Google Earth em 12 de novembro de 2025.

Figuras 3: Aldeia Itanhaém.



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/6210>

Figura 3A: Aldeia Itanhaém.

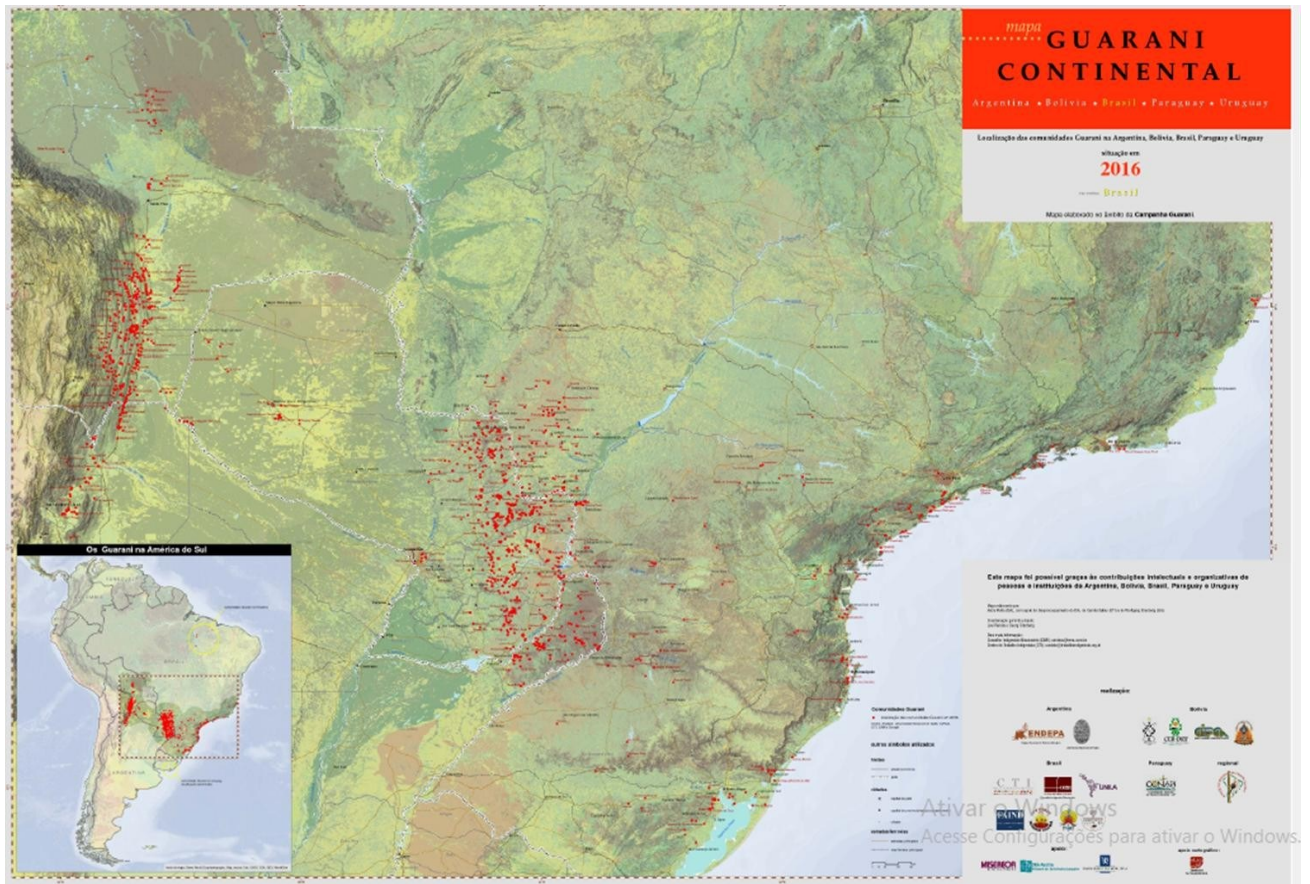


Fonte: Captura de tela retirada do Google Maps em 25 de fevereiro de 2025.

A aldeia Itanhaém, conhecida também como aldeia Morro da Palha, é uma comunidade indígena guarani mbya, localizada na divisa entre os municípios de Biguaçu e Tijucas, no litoral do Estado de Santa Catarina. No entanto, mesmo localizada na divisa, o território pertence ao município de Biguaçu, com 219 hectares, comprada com a indenização da duplicação da BR-101, formando uma aldeia no ano de 2007. No momento em Itanhaém vivem 35 famílias, totalizando 120 pessoas.

A aldeia onde moro em Santa Catarina e a aldeia pesquisada no Rio Grande do Sul formam parte de Yvy Rupa (território de ocupação tradicional guarani), somando-se hoje a centenas de aldeias guarani situadas na América do Sul, numa configuração como as abaixo expostas.

Figura 4. Mapa Guarani Continental. Localização das comunidades guarani na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.



Fonte: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/america-do-sul/mapa-guarani-continental-2016> (acesso em 22.11.2025).

Figura 5: Mapa de aldeias Guarani em toda a Yvy Rupa (Captura de tela).



Fonte: <https://guarani.map.as/#/>

Retomadas Indígenas

O que é uma retomada indígena?

As retomadas são ações dos povos indígenas que visam a recuperação de seus territórios tradicionais, com a intenção de continuar preservando a sua cultura, sua organização social, seus costumes e línguas. Para nós, indígenas Mbya Guarani, as retomadas são ancestrais, pois fomos os primeiros a habitar o nosso estado brasileiro, muito antes mesmo de ser chamado Brasil.

Figura 6: Casas improvisadas com lonas.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves. Retomada Nhe'engatu, 21 de abril de 2025.

As retomadas são uma forma de resistência ao processo histórico e violento que povos originários sofreram no passado, como perdas de seus territórios, exploração e muitas violências. Por isso, as retomadas também envolvem muitos conflitos contra os não indígenas que, no caso, são empresas, fazendeiros, madeireiras e às vezes o próprio Estado. Esse movimento é justamente uma forma de reparação das violências causadas contra os povos originários.

A luta pelo território não é apenas para viver, é também para fortalecer os laços ancestrais que o povo tem com a terra. Então, as retomadas são, antes de tudo, a recuperação de seus territórios dos quais, muitas vezes, os povos foram expulsos e que hoje são ocupados pelos não indígenas, como mencionado. Por isso, as retomadas indígenas são movimentos na luta dos direitos pela terra e pela vida.

Figura 7: Casarão perto do lago com a mensagem da retomada.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves.
Retomada Nhe'engatu, 21 de junho de 2025.

Exemplos de retomadas guarani no Estado do Rio Grande do Sul

Além da retomada Nhe'engatu em Viamão-RS, onde foi realizada a pesquisa de campo, há outros exemplos de retomadas guarani mbya no estado ocorridas entre os anos 2017 e 2025.

- **Tekoa Ka'aguy Porã (Maquiné):**

Retomada em Maquiné, localizada na região leste do estado, com início da ocupação em 2017.

- **Tekoa Yy Jere (Porto Alegre):**

A retomada na Ponta do Arado em Porto Alegre ocorreu no ano de 2018.

- **Para Rokê (Rio Grande):**

Retomada em Rio Grande ocorreu no dia 27 de abril de 2021, conduzida por Talcira Gomes, filha de Turibio e Laurinda.

- **Canela:**

Retomada na Serra Gaúcha, com ocupação em novembro de 2021.

- **Retomada Ka'aguy Mirim (Porto Alegre):**

A retomada Ka'aguy Mirim em Porto Alegre é a mais recente e data do dia 02 de maio de 2025.

As retomadas surgem como ações diretas de reocupação e resistência dos povos indígenas diante da lentidão e das falhas do processo oficial de demarcação de terras indígenas. Enquanto as retomadas são ações realizadas pelos próprios indígenas, como uma forma de garantir o direito originário à terra, o processo de demarcação segue um caminho administrativo e jurídico longo e burocrático, regido pela legislação.

O processo de regularização territorial no caso das retomadas é diferente do processo demarcatório de terras indígenas no país, que segue os seguintes passos:

Processo de demarcação de terras indígenas no Brasil

No Brasil a demarcação de terras indígenas é um processo administrativo, legal, regulamentado pelo Decreto nº 1775/96 e a Portaria nº 14/1996, do Ministério da Justiça, que visa reconhecer os direitos territoriais constitucionais dos povos indígenas às suas terras, aos seus territórios. A Funai é o órgão responsável pelo processo que envolve várias etapas.

Etapas do processo demarcatório, de forma resumida:

1. Identificação e delimitação:

A Funai cria um Grupo Técnico (GT) para realizar estudos antropológicos, ambientais, históricos etc., para identificar e delimitar os limites do território a ser demarcado.

2. Declaração:

O Ministro da Justiça declara os limites do território através de Portaria Declaratória.

3. Demarcação física:

A Funai realiza a demarcação física, fixando marcos e sinalizando os limites do território.

4. Homologação:

A Presidência da República homologa a demarcação, reconhecendo-a oficialmente.

5. Registro na Secretaria de Patrimônio da União:

A Funai solicita o registro do território como Patrimônio da União. Segundo a legislação, esse passo deve ocorrer em até trinta dias após a homologação.

6. Registro no(s) cartório(s) do(s) município(s) de localização:

À Funai cabe efetuar o pedido de registro imobiliário das terras indígenas nos devidos cartórios.

No entanto, todo o processo demarcatório de terras indígenas no país se encontra ameaçado pelo Poder Legislativo Federal há muitos anos. Exemplo disso é a existência do Projeto de Decreto Legislativo (PDL 717/2024), do senador Esperidião Amin², que intenta anular os decretos de homologação tanto da Terra Indígena Morro dos Cavalos quanto da Terra Indígena Toldo Imbu³. Ambas foram homologadas no dia 04 de dezembro de 2024. Esse projeto também revoga o artigo 2 do decreto número 1775/1996, que regulamenta os procedimentos administrativos de demarcação de terras indígenas. A proposta foi aprovada no Senado e será votada na Câmara dos Deputados.

No caso da Retomada Nhe'engatu, o processo demarcatório ainda não começou, porém, no mês de abril de 2024, após dois meses da ocupação dos guaranis, foi feito o Relatório Qualificação de Reivindicação Fundiária Nhe'engatu (Anexo 1), um processo que não faz parte do Decreto nº 1775/96, ou seja, esse é um procedimento recente da própria Funai. Em uma conversa online realizada no dia 09 de outubro de 2025, eu, junto com a minha orientadora Maria Dorothea, pedi mais esclarecimentos sobre o andamento do processo ao antropólogo e autor do Relatório Qualificação de Reivindicação Fundiária de Nhe'engatu. Kaio Domingues Hoffmann afirmou na oportunidade que esse procedimento serve para ranquear e priorizar providências, de acordo com os critérios apresentados nos relatórios das áreas que estão sendo retomadas pelo povo indígena. No passo seguinte, segundo ele, inicia-se a primeira etapa do processo demarcatório, que é a criação do Grupo de Trabalho da Funai.

O referido relatório foi elaborado sob responsabilidade da Funai - Coordenação Regional Litoral Sul e Coordenação Técnica Local de Porto Alegre/RS. A reivindicação originou-se da própria comunidade, em cuja carta define (Anexo 2):

“Requeremos, nesse momento, que a Funai assuma suas obrigações e agilize os procedimentos de demarcação de terras para nosso povo. Que sejam retomados os procedimentos paralisados e que se inicie a demarcação dessa nossa Tekoá Nhe'engatu, agora ocupada pelos Guarani Mbyá.” (Carta enviada à Funai em 14.02.2024)

Atualmente esse território ocupado pelo povo Guarani está em processo de reconciliação, tendo os processos judiciais de reintegração de posse sido indeferidos judicialmente. Também houve um Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre o estado do Rio Grande do Sul e a União para que o estado transfira os territórios de retomada para a União, com o intuito de diminuir a dívida que o estado tem com a União.

² Senador do Partido Progressistas, da bancada catarinense.

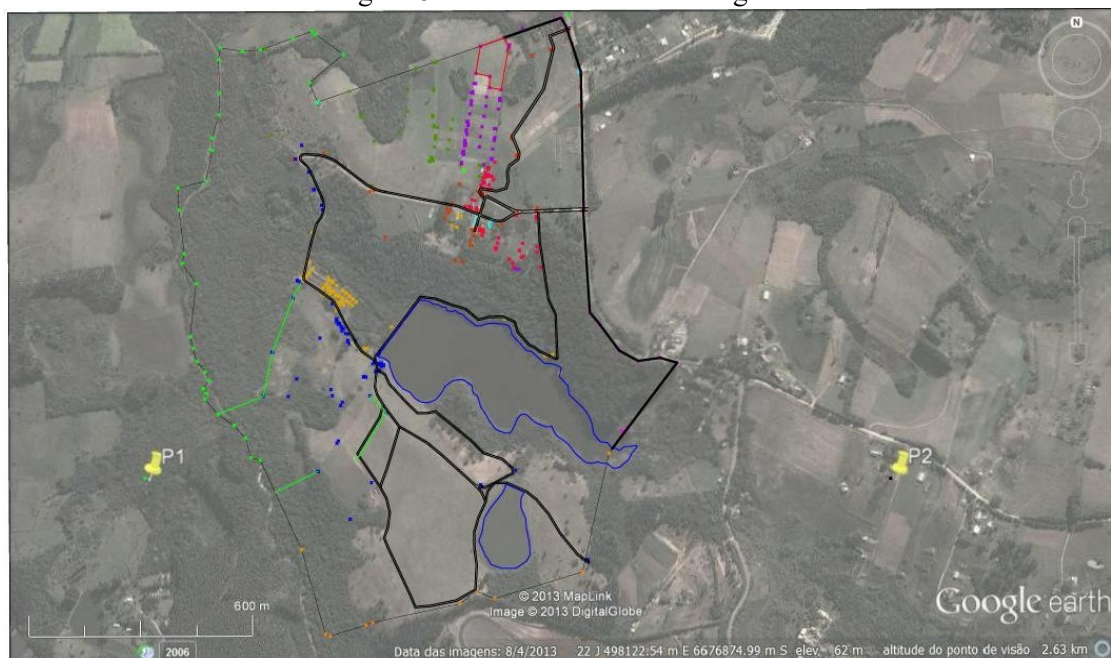
³ A Terra Indígena Morro dos Cavalos, do povo Guarani, se localiza em Palhoça/SC. A Terra Indígena Toldo Imbu, do povo Kaingang, está situada no município de Abelardo Luz, no oeste de Santa Catarina

CAPÍTULO 2 - A RETOMADA NHE'ENGATU

Como escrito antes, a Retomada Nhe'engatu está localizada no município de Viamão-RS. A área foi ocupada no dia 14 de fevereiro de 2024 e está aguardando o início do processo de demarcação.

A retomada teve início quando famílias de várias aldeias guarani de diferentes regiões do estado se juntaram para ocupar o local. Segundo os anciões e lideranças, o espaço foi revelado em sonhos pelos anciões que faleceram recentemente.⁴

Figura 8: Limite da Tekoa Nhe'engatu.



Fonte: Imagem adquirida com Eloir de Oliveira.

De acordo com meus dados familiares, também expostos no artigo citado na nota de rodapé 4, Turibio Gomes era chamado de Karai Nhe'engatu e faleceu aos 101 anos em 2022. Laurinda Gomes, que era chamada de Kerexu Mirim, faleceu aos 100 anos no ano de 2023. Os dois eram um casal e lutavam pelo fortalecimento de Nhandereko (modo de ser) e buscavam uma vida mais digna para o povo Guarani Mbya. E por isso esses xeramoin kuery (anciões) são a força e a inspiração dessa busca pela demarcação e são homenageados, como por exemplo, com o nome que deram para a terra: Nhe'engatu, o nome guarani de Turibio Gomes.

⁴ Ver o artigo “Povo Guarani Mbyá retoma território ancestral Tekoa Nhe'engatu em Viamão (RS)”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/15/povo-guarani-mbya-retoma-territorio-ancestral-tekoa-nhe-engatu-em-viamao-rs/>

Figura 9: Lago da Tekoa Nhe'engatu.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, 21 de junho de 2025.

Laércio Gomes Mariano (2024), também neto de Turibio e Laurinda, descreve em seu TCC nosso avô Nhe'engatu como “Homem portador das palavras boas”, pois ele foi uma pessoa com muitos conhecimentos.

A área com mais de 148 hectares faz parte do Bioma Pampa. Ali funcionava um centro de pesquisa do estado chamado Fepagro (Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária), extinto em 2017. O local conta com vários tipos de vegetação e recursos e também é lar de várias espécies de fauna e flora.⁵

Na época em que foi feito o relatório de qualificação fundiária de Nhe'engatu (Anexo 1) havia 32 famílias, atualmente ali vivem 52 famílias, sendo que muitas vieram de alguma aldeia distante ou de acampamentos de beira de estradas, os quais não tinham qualquer tipo de casa, somente tendas improvisadas com lonas, o que as motivou a viver nessa retomada. O cacique da retomada Eloir de Oliveira fala que as famílias presentes atualmente vieram de aldeias como Estiva, Salto do Jacuí, Maciambu-SC, Lomba do Pinheiro, Coxilha da Cruz, Passo Grande, de aldeias do estado do Paraná, e também da Argentina. Conta que em breve mais famílias de outras aldeias se somarão à área. Os moradores falam na carta à Funai (Anexo 2) que estão retomando essa terra porque cansaram de viver debaixo de lonas. Famílias de outras aldeias ocuparam o local pelo motivo de que na aldeia onde eles moravam já não tinha mais condições de plantar e cultivar.

⁵ “Área do Centro de Pesquisa de Viamão, remanescente do bioma Pampa, corre risco de virar loteamento urbano” disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/21/area-do-centro-de-pesquisa-de-viamao-remanescente-do-bioma-pampa-corre-risco-de- virar-loteamento-urbano/>

No início da retomada as famílias moraram em barracas improvisadas com lonas e ao longo do ano de 2024 a Funai ofertou costaneiras para construírem casas mais adequadas. Por isso hoje a maioria tem suas casas feitas de tábuas.

Para Rete (Genira Gomes), minha mãe, é uma das filhas de Turibio e Laurinda e também uma das primeiras pessoas a ocupar essa terra quando da retomada. Sua decisão se baseou nas condições da aldeia em que morava, Estiva, que também faz parte do município de Viamão/RS, que era muito limitada, muito pequena para ela, pois não tinha condições de conseguir recursos e matérias primas para fazer qualquer tipo de artesanato, de onde tira seu sustento. Ervas medicinais para tratar qualquer tipo de doença era muito difícil de achar, Além disso, o mais importante: não dava para plantar ou fazer qualquer tipo de roça, já que esse era o maior objetivo dela, ou seja, mostrar o plantio e criar animais para seus filhos e netos. Ela relata que a aldeia em que ela morava tinha sete hectares, abrigava mais de 40 famílias e as casas eram muito amontoadas.

Sobre a retomada, Para Rete conta que o lugar possui varias espécies de ervas medicinais nos arredores como parapara'y (carova), kurupa'y (anjico), yvyra-pytã (canatrista) e yvyra-rapoju (cancorosa).

Sobre a educação escolar, a aldeia hoje abriga 67 alunos numa escola improvisada, tendo aulas em duas barracas ofertadas pela Secretaria da Justiça na época das enchentes no estado, em abril de 2024. Esses alunos estão matriculados em outras escolas (indígenas e não indígenas) pelo fato da retomada não possuir ainda escola com registro oficial pela Seduc (Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul), tendo três professores Guarani da própria tekoa, contratados pelo estado. E a escola atende desde a creche (Educação Infantil), anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, e Ensino Médio.

Figura 10: Escola Improvisada.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves. Retomada Nhe'engatu, 21 de junho de 2025.

Figura 11: Parte interior de uma das tendas escolares.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves. Retomada Nhe'engatu, 21 de junho de 2025.

PROJETOS DESENVOLVIDOS DENTRO DA ALDEIA

Projeto de Criação de Peixe: projeto já em funcionamento, que visa garantir a segurança alimentar e sustentabilidade para as famílias, utilizando açudes naturais da área para criação de peixes.

Projeto de Reflorestamento: conduzido por famílias para plantar vários tipos de plantas e espécies nativas como palmeira jussara, guabiriba, araucária e jabuticabeiras, com o intuito de contribuir para recuperar áreas degradadas e ampliar a biodiversidade local.

Projeto de Trilha Ecológica Tangará: projeto pensado e em andamento para receber visitantes, estudantes e apoiadores, com o objetivo de promover intercâmbio cultural e arrecadar recursos para a aldeia.

Figura 12: Entrada da Trilha Tangará.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, 21 de junho de 2025.

Os projetos mencionados são iniciativas autônomas dos próprios moradores da retomada, que buscaram apoio externo para sua implementação, demonstrando organização comunitária, protagonismo e compromisso com a sustentabilidade territorial.

Opy

Figura 13: Opy.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, 21 de junho de 2025.

Na retomada se encontra a Opy, conhecida como “casa de reza”, sempre presente em todas as aldeias guarani mbya. Isso porque a Opy é um espaço sagrado, onde os Guarani se relacionam com o seu mundo espiritual e onde as principais práticas culturais ocorrem, como rituais, rezas e cerimônias. Um ritual muito importante é o Nhemongarai, um ritual de batismo em que as crianças recebem seus nomes tradicionais. Na minha opinião, eu descreveria a Opy como o coração da aldeia, porque é de onde vem a força vital e a saúde do nosso *nhe’e* (espírito protetor) e é onde os nossos *Karai Kuery* (Sábios) transmitem os conhecimentos por gerações através da oralidade. Também descreveria a Opy como hospital, porque é onde tratamos doenças com ervas medicinais ou com rituais. Pode-se dizer que o espaço também é a nossa primeira escola, pois é o lugar de muitos conhecimentos e aprendizagem para os jovens.

O Nhemongarai (ritual de batismo) é praticado dentro da Opy que, segundo os *xeramoin kuery*, contam que para acontecer esse ritual a primeira coisa que deve se fazer na aldeia é plantar o *avaxi ete’i* (milho sagrado guarani), pois esse milho sagrado não serve apenas como alimento, também fortalece o espírito da criança. Sem esse plantio não tem o ritual e sem ritual a criança cresce sem força necessária para viver. É o plantio de base da cultura guarani.

XERAMOIN TURIBIO E XEJARYI LAURINDA

Em conversa que ocorreu com a minha mãe, Para Rete (Genira Gomes), uma das filhas do casal e uma das primeiras a ocupar a Terra Indígena Nhe'engatu, ela relatou a trajetória de seus pais. Essa conversa, gravada por mim, ocorreu na área da retomada no dia 20 de junho de 2025. Ela falou da vida, caminhada, luta e da importância histórica que isso teve para o seu povo no Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 14: Casal Turibio e Laurinda.



Fonte: Imagem adquirida com Genira Gomes.

Narrou que Turibio e Laurinda foram casados por mais de 65 anos. Os dois eram naturais de Cacique Doble, município que fica no Norte do estado do Rio Grande do Sul, onde os dois se casaram e onde iam começar uma trajetória marcada por deslocamentos, perseguições, sofrimentos e resistência para construir sua família.

Seu Turibio faleceu aos 101 anos em 14 de julho de 2022 na Tekoa Nhundy (aldeia Estiva). Laurinda faleceu aos 100 anos no dia 06 de outubro de 2023 na mesma aldeia. Segundo Genira, a história dos dois foi muito importante para a história Guarani Mbya, pois as suas

trajetórias de lutas e caminhadas influenciaram a ocupação territorial Guarani Mbya e redefiniram a geografia fundiária na região metropolitana de Porto Alegre.

Durante a passagem do casal por Yvy Vai (este mundo imperfeito), ambos dedicaram as suas vidas a defender uma existência mais digna aos Guarani Mbya e à demarcação de terras indígenas. Os dois buscavam proteger e fortalecer a cultura, o Nhandereko (modo de ser) e a territorialidade mbya guarani. Por isso, hoje eles são lembrados como referência na luta pelo território em todo o estado.

Genira relata que o casal saiu de Cacique Doble enquanto ainda eram jovens. Laurinda estava grávida quando começaram a ser perseguidos pela sua própria comunidade, pois eles diziam que por conta da criança não ser filha biológica do marido, teria que ser morta.

Com medo, Turibio decidiu fugir com Laurinda. Caminharam por longas estradas, acamparam em caseiros, chegaram a morar em Zamaro, uma aldeia Guarani, por um curto período. Seguiram para a aldeia de Gamelinha, no município de Faxinalzinho, que anteriormente fazia parte do município de São Valentim. Na época era um território guarani, mas hoje é uma aldeia kaingang. Ali tiveram e criaram todos os seus filhos por mais de 15 anos.

Figura 15: Xeramoin Turibio.



Fonte: Imagem adquirida com Genira Gomes.

“Antes de crescer a população kaingang, a aldeia era bonita em Gamelinha, a floresta era tudo dos Guaranis, o território era dos Guaranis, só tinha Guarani. Depois vieram os Kaingang, cresceram mais do que Guarani. Foi quando eles tiveram a ideia de arrendar as terras e começaram a retirar as terras dos Guaranis até chegar a um ponto que não tivesse mais condições de viver. Esse foi o motivo também para a gente se mudar na época. Depois fomos para Votouro, terra que fica nos municípios de Benjamin Constant do Sul e Faxinalzinho-RS, onde vivem famílias Guarani e Kaingang. Depois sim a gente veio do Norte e começamos a chegar em Porto Alegre à procura de um território. Mas em Votouro também a gente percebeu que a aldeia não era um bom lugar para nós, foi quando uma irmã minha faleceu em Votouro.”

Como disse Genira, a família seguiu para Votouro, um município que faz parte de Benjamin Constant do Sul e Faxinalzinho. Mas de novo enfrentaram dificuldades após o falecimento de uma das filhas e levaram a decisão de migrar novamente. Desta vez rumo Leste, à capital.

Figura 16: Xejuryi Laurinda.



Fonte: Imagem adquirida com Genira Gomes.

Ao chegar em Viamão no ano de 1990, acamparam por cerca de um ano em Águas Claras, um dos bairros do município. Havia outras aldeias na região, mas a família não desejava mais viver em um local que não fosse seu.

“Depois de acampar um tempo em Águas Claras fomos para Estiva, onde a gente ganhou uma terra abandonada da prefeitura de Viamão, que era um lugar de depósito de lixo e que não tinha nada de mata, só tinha eucaliptos, mas depois a gente começou a recuperar uma pequena área de mata plantando árvores doadas pela Emater. Por isso tem bastante árvores hoje lá.”

Após um ano acampando, eles ganharam uma terra de sete hectares da prefeitura de Viamão no ano de 1991, que hoje é conhecida como Tekoa Nhundy (Aldeia Estiva). Genira lembra que essa terra já foi abandonada e que quando essa terra foi doada não tinha nenhum espaço de mata ou vegetação, pois eles falavam que esse espaço era um depósito de lixo, porque quando chegaram nesse lugar tinha muito lixo e tiveram que remover tudo antes de ocupar.

“Hoje graças a nós Mbya há algumas áreas de mata e vegetação na Tekoa Nhundy, pois a primeira coisa que a gente fez quando ganhamos a terra, foi retirar todo o lixo que ficou acumulado e começamos a plantar algumas espécies de plantas e árvores nativas assim reflorestando o lugar de novo.”

Este relato reforça o cuidado que o povo indígena tem com o seu território, pois a gente tem uma ligação muito profunda com a terra, a gente a enxerga como um ser vivo e não como uma mercadoria. Nós somos os guardiões da floresta, a gente não quer desmatamento porque a gente vive com a natureza.

Figura 17: Genira Gomes.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, 22 de junho de 2025.

Genira conta que mesmo morando ali por décadas, os sete hectares ainda eram insuficientes para as famílias, pois o local impossibilitava roças, criação de animais e sustento para a comunidade. Nesse período, Turibio e Laurinda decidiram retomar uma aldeia em Itapuã, fundando a Tekoa Pindo Mirim em Viamão, onde Turibio foi cacique por alguns anos, porém suas filhas decidiram ficar na Estiva por conta dessa aldeia não possuir escola ainda.

Nas palavras de Genira: “O meu pai depois achou uma terra também aqui em Viamão, que ele retomou e que é a aldeia de Itapuã hoje. Foi feito pelo meu pai. E foi onde os dois foram sozinhos, sem os seus filhos. Depois ele virou cacique na aldeia de Itapuã. Cada filho e filha já tinham sua própria família e cada um se preocupava muito com os estudos de seus filhos. Por isso a gente ficou na Estiva, porque a aldeia de Itapuã na época não tinha escola.”

Genira segue contando que mais tarde os pais acompanharam uma das filhas em Rio Grande, na Tekoa Para Roke, fundada pela sua filha Talcira Gomes e onde permaneceram por cerca de cinco anos. Até que os dois decidiram voltar para Estiva por conta de Laurinda ter adoecido na época. Foi quando eles iam passar os últimos momentos com suas filhas.

Ao voltar para Estiva, Turibio começou a adoecer até chegar a falecer no ano de 2022 com 101 anos. Laurinda também adoeceu e chegou a falecer no ano de 2023 com 100 anos. Pouco antes de falecerem, Turibio e Laurinda deixaram uma orientação espiritual para a sua família. Conta Genira que:

“Antes deles falecerem eles já estavam iluminando o caminho que eu ia trilhar com minhas irmãs. Minha mãe disse para nós, as filhas, que estávamos na Estiva, que era para nós continuarmos esperando, porque viria uma terra grande, um lugar cheio de mata, água e animais. Um lugar grande o bastante para conseguir plantar e criar galinha para nossos filhos e netos. E deve ser por isso que até hoje não apareceu nenhuma pessoa não indígena para nos ameaçar.”

Genira acredita que essas palavras de seus pais iluminaram o caminho que iria levar a família à retomada Nhe'engatu, em 2024.

Figura 18: Mapa da trajetória de Turibio e Laurinda em RS (imagem criada com IA).



Fonte: Imagem criada com IA no APP Google Gemini.

Conversas e Relatos

Figura 19: Cacique Eloir de Oliveira (Wera Xondaro/Monde).



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves.
Retomada, 22 de junho de 2025.

Em uma conversa por mim gravada, que ocorreu no dia 21 de junho de 2025 na retomada, o cacique Wera Xondaro (Eloir de Oliveira) da Tekoa Nhe'engatu, professor, motorista da SESAI (Secretaria Especial da Saúde Indígena) e coordenador da CAPG-RS (Conselho de Articulação do Povo Guarani do Rio Grande do Sul) relatou sobre como se deu a iniciativa de retomar a aldeia.

O Cacique Wera Xondaro fala que quando morava na Tekoa Nhundy em uma noite começou a pensar em sair do lugar, mas não sabia para onde ir. No dia seguinte, decidiu conversar com os seus pais sobre a possibilidade de retomar uma aldeia e eles acolheram essa ideia. Falou também que no mesmo dia foi visitar a casa de uma das tias para conversar sobre a ideia, pois ele sempre ouvia as tias falarem que um dia Nhanderu (Deus) iria mostrar um lugar grande, com rios e matas onde elas iriam plantar e fazer roças.

“Eu também já não me sentia bem na aldeia em que eu morava, eu já não era mais feliz, e constantemente eu ficava doente e dificilmente acordava bem. A gente vivia tudo em família, mas aos poucos as famílias começaram a crescer muito e a terra também era pequena, tinha sete hectares só. Tanto que a gente começou a se apertar na aldeia que já não tinha mais como plantar, fazer roças e até mesmo para conseguir recursos era muito limitado. E os meus avós Turibio e Laurinda, quando ainda estavam vivos, falavam de uma terra com muita mata, água, rios e animais, e que um dia a gente ia achar um lugar para viver...”

Depois de ter conversado com as famílias de outras aldeias que estavam passando pelas mesmas dificuldades e que estavam dispostas a sair das aldeias em que moravam, eles começaram a se organizar para retomar de fato um espaço que foi esse, uma terra do estado com mais de 148 hectares, marcando o dia e horário certinho, 14 de fevereiro de 2024. No dia seguinte, após de fato ter ocupado o lugar, todo mundo que veio, quando viu o espaço começou a sentir uma energia positiva nesse lugar, e todo mundo começou a questionar se esse espaço não é o que os anciões sonhavam que um dia eles iam achar para morar.

O cacique Eloir também fala da dimensão do território e do como ele percebe o tamanho com relação às 52 famílias presentes atualmente. Ele fala que nunca vai concluir ou dizer que uma terra já é suficiente, pois o povo Mbya transita, a população Guarani cresce muito rápido, pois na cultura guarani os casamentos acontecem muito cedo e isso faz com que as famílias cresçam de um dia para outro. Eloir segue contando:

“...aqui é uma terra que tem mais de 148 hectares. Parece que é grande, mas não é, até porque se eu quisesse ver todo o território eu vou levar menos de um dia. E até para pescar e caçar a gente ainda é muito limitado...”

O cacique fala que talvez ele possa considerar uma aldeia grande quando o espaço tiver mais de 50 mil hectares ou quando não houver limites para nós, quando não houver cercados.

Figura 20: Conversa com Eloir, juntamente com a minha orientadora.



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, dia 21 de junho de 2025.

“...Então não! Ainda não é suficiente para nós. Agora nesse instante com 52 famílias é tranquilo, cada um pode plantar, pode caçar, pode criar animais. Mesmo assim a aldeia tem a tendência de crescer mais, porque vai vir mais famílias, e quero que venha mais gente, quanto mais mbya estiver morando, melhor para mim vai ser.”

O cacique também fala que quando eles ocuparam o território, só depois de quatro meses que eles decidiram eleger um cacique para acompanhar os processos que estavam sendo feitos e que para o ajudarem nesse papel de liderança ele pediu para que colocassem mais pessoas para estarem junto com ele. Ele reconhece que não ia dar conta de todas as demandas e hoje eles têm seis pessoas que assumem o papel de liderança na aldeia com ele. Eloir disse:

“No começo a gente não tinha nenhuma liderança à frente, só depois de quatro meses de ocupação que a gente decidiu junto com a comunidade tomar essa iniciativa. A comunidade me indicou para ser cacique. Mas também decidi colocar mais pessoas para assumir essa liderança comigo, pois eu sabia que só eu não ia dar conta das demandas sozinho.”

ALZIRA GOMES

Figura 21: Alzira Gomes (Kerexu).



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, dia 21 de junho de 2025.

No dia 19 de junho de 2025, em conversa com a dona Alzira Gomes (Kerexu), minha tia e filha mais velha de Turibio e Laurinda, ela fala de como está se sentindo nessa aldeia. Ela relata ser muito boa para plantar, e hoje ela consegue criar animais, o que antes não tinha condição na Tekoa Nhundy. Ela conta que sua vida melhorou:

“Hoje eu consigo plantar bastante coisa, eu tenho a minha própria roça. Estou criando galinhas, gansos, porcos e uma vaca. Aqui não há falta de alimento para nós e os meus filhos e netos estão com saúde.”

Ela também relata que pela primeira vez, depois de muitos anos, sente que está em um território onde é possível viver com tranquilidade com seus filhos e netos sem medo de não ter espaço suficiente para plantar. Para ela, essa retomada trouxe força espiritual para sua família, pois enxerga como uma herança deixada pelos seus pais, que sempre sonharam com uma terra ampla com muita possibilidade de sustento.

Figura 22: Famílias plantados mudas.



Fonte: Imagem adquirida com Marciana Gomes.

CLAUDIA GOMES

Figura 23: Claudia Gomes (Kerexu Mirim).



Fonte: Foto de Vinny Gomes Gonçalves, retomada Nhe'engatu, dia 21 de junho de 2025.

Também conversei com a minha tia Claudia Kerexu Mirim. Ela relata que hoje está dando tudo certo para ela, pois está contente nessa retomada.

“Para mim está dando tudo certo. Estou contente nessa retomada. Estamos plantando e está dando tudo certo para nós, minhas filhas e netas. Elas estão sempre felizes aqui. Estamos fazendo bastante artesanato também. É um lugar bom para viver e criar as crianças.”

Claudia enfatiza que suas filhas agora tem seu próprio espaço para desenvolver suas roças e que as crianças crescem em contato com a natureza, brincando, correndo e aprendendo com os mais velhos.

Esses relatos demonstram que a área da retomada está de acordo com o desejo de meus avós maternos, porém existe a grande preocupação de redução do espaço. Mas mesmo com todas as ameaças do estado, a comunidade segue firme com a força de seu Turibio e Laurinda, que juntos guiam nessa caminhada.

Ameaças e Desafios à Retomada Nhe'engatu

Em meio aos avanços da retomada, a comunidade enfrenta uma nova ameaça: o Projeto de Lei 280/25, de autoria do governo do estado do Rio Grande do Sul, que visa doar 88 hectares da Tekoa Nhe'engatu ao município de Viamão para instalação de um centro logístico e tecnológico no local. Essa medida é vista como um ataque direto ao povo Guarani Mbya e seus direitos territoriais, podendo resultar na expulsão das famílias que hoje ocupam a Tekoa Nhe'engatu. Tanto é assim que no dia 7 de outubro de 2025 esse projeto foi aprovado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (ALRS) com 37 votos a favor e 13 contra. Como dito, esse projeto de lei visa ceder ao município de Viamão mais da metade da área que está sendo ocupada pelos Guarani Mbya.⁶

A Lei vem como retrocesso ou ameaça direta do governador do estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), que pode fazer com que as famílias Guarani que estão retomando o seu lugar ancestral sejam retiradas do local.

⁶ Esse parágrafo origina-se do artigo “RS. Assembleia aprova doação de área ocupada por famílias indígenas ao município de Viamão”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/658282-assembleia-aprova-doacao-de-area-ocupada-por-familias-indigenas-ao-municipio-de-viamao> (acesso em 15 de outubro de 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada Nhe'engatu representa muito mais do que uma ocupação territorial, é um ato de resistência, de memória e de continuidade da luta ancestral do povo Guarani Mbya no Rio Grande do Sul. A presença das famílias, o cultivo da terra e os projetos comunitários mostram que o território é um espaço de vida e espiritualidade, não apenas uma área física.

Este trabalho apresentou as dificuldades e ameaças enfrentadas pela Tekoa Nhe'engatu, como o Projeto de Lei 280/2025, hoje transformado em lei, que destina mais da metade do território ocupado pelas famílias Guarani ao município de Viamão para interesses econômicos do Estado. E mesmo assim o povo permanece firme, unido e fortalecido pela memória e ensinamentos do xeramoin Karai Nhe'engatu e xejaryi Kerexu Mirim, que deixaram como herança o sonho de conquistar um território. Assim, o legado de Karai Nhe'engatu e Kerexu Mirim segue vivo, conduzindo caminhos para as novas gerações, com os ensinamentos que foram deixados para seus filhos, netos e bisnetos, que continuam a plantar, ensinar e sonhar com o futuro na Tekoa Nhe'engatu.

Ao refletir sobre a retomada, observa-se que o processo de demarcação ainda é lento e desigual, mas as retomadas guiadas pela força dos anciões e pela união das famílias reafirmam o direito originário dos povos indígenas sobre suas terras tradicionais, mesmo diante de um Estado que nega os direitos originários garantidos pela Constituição Federal de 1988.

A minha reflexão pessoal sobre esse trabalho: observo que Turibio e Laurinda nunca tiveram a chance de viver em terras que de fato eram adequadas para se viver. Eles sempre buscaram um lugar amplo cheio de matas e rios para que o nhandereko fosse praticado e repassado para crianças e jovens, preservando assim a cultura para as novas gerações. A minha família sempre esteve em terras degradadas como a da Estiva, por exemplo, que além de ser uma terra degradada era muito pequena, impossibilitando a prática de costumes como a agricultura e a caça, com limitação de matéria prima para a confecção de artesanatos, sendo esse o motivo que levou a família a retomar esse território que acreditamos ser o lugar sonhado e desejado por nossos anciões

Sinto que com esta lei o estado prioriza os seus interesses econômicos na Tekoa Nhe'engatu, mesmo sabendo que há crianças sem escola, famílias sem casas adequadas, idosos que precisam de atendimentos especiais, pessoas sem atendimento à saúde. Ao invés de auxiliá-los nessas questões, deseja retirar essas famílias que apenas buscam uma vida digna para seus filhos e netos.

REFERÊNCIAS

GEHM, Bettina. RS. Assembleia aprova doação de área ocupada por famílias indígenas ao município de Viamão. **Adital**. Instituto Humanitas Unisinos, 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/658282-assembleia-aprova-doacao-de-area-ocupada-por-familias-indigenas-ao-municipio-de-viamao>

FERREIRA, Marcelo. Área do Centro de Pesquisa de Viamão, remanescente do Bioma Pampa, corre risco de virar loteamento urbano. **Brasil de Fato**, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/21/area-do-centro-de-pesquisa-de-viamao-remanescente-do-bioma-pampa-corre-risco-de- virar-loteamento-urbano/>

HOFFMANN, Kaio Domingues. **Relatório Qualificação de Reivindicação Fundiária Nhe'engatu**. FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). Porto Alegre-RS, 2024.

LEÃO, Jorge e SANTOS, Helena. Povo Guarani Mbyá retoma território ancestral Tekoá Nhe'engatu em Viamão (RS). **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/15/povo-guarani-mbya-retoma-territorio-ancestral-tekoa-nhe-engatu-em-viamao-rs/>

LIEBGOTT, Roberto. Novas retomadas Mbya Guarani, Kaingang e Xokleng no Rio Grande do Sul: retornos às memórias, aos territórios e à vida. **Conselho Indigenista Missionário**, 2025. Disponível em: <https://cimi.org.br/2025/05/retomadas-guarani-kaingang-xokleng-rs/>

MARIANO, Laercio Gomes. **História da educação indígena: a educação guarani mbyá e a Escola Karai Nhe'e Katu**. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2024.

MICHELE. Retomada Kaingang e Xokleng ocupa área abandonada do INSS em Canoas. **Teia dos Povos**, 2025. Disponível em: <https://teiadospovos.org/retomada-kaingang-e-xokleng-ocupa-area-abandonada-do-inss-em-canoas/>

Secretaria de Desenvolvimento Rural. Os Povos Indígenas do Rio Grande do Sul: conheça as ações da SDR. 2024. Disponível em: <https://www.sdr.rs.gov.br/os-povos-indigenas-do-rio-grande-do-sul>

Conselho Indigenista Missionário. **Povo Guarani Mbya retoma área em Canela, no Rio Grande do Sul, nessa segunda-feira (29)**. 2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/11/povo-guarani-mbya-retoma-area-em-canela-no-rio-grande-do-sul-nessa-segunda-feira-29/>

REFERÊNCIAS ORAIS

GOMES, Alzira (Kerexu). Entrevista concedida a Vinny Gomes Gonçalves na Tekoa Nhe'engatu, Viamão-RS, no dia 21 de junho de 2025.

GOMES, Claudia (Kerexu Mirim). Entrevista concedida a Vinny Gomes Gonçalves na Tekoa Nhe'engatu, Viamão-RS, no dia 21 de junho de 2025.

GOMES, Genira (Para Rete). Entrevista concedida a Vinny Gomes Gonçalves na Tekoa Nhe'engatu, Viamão-RS, no dia 20 de junho de 2025. Registro de vídeo pessoal.

HOFFMANN, Kaio Domingues. Conversa realizada de forma online com Vinny Gomes Gonçalves e Prof.^a Maria Dorothea Post Darella, no dia 09 de outubro de 2025.

OLIVEIRA, Eloir de (Wera Xondaro/Monde). Entrevista concedida a Vinny Gomes Gonçalves na Tekoa Nhe'engatu, Viamão-RS, no dia 21 de junho de 2025. Registro de vídeo pessoal.

GLOSSÁRIO

Aguyje - Estado de perfeição espiritual.

Anhemombe'u - Apresentação pessoal ou autobiografia.

Karai - Nome masculino que significa Homem sábio ou líder espiritual.

Mbya – Grupo do Povo Guarani.

Nhandereko - Modo de ser Guarani Mbya.

Nhanderu/Nhanderu ete - Deus ancestral maior.

Nhe'e - Espírito.

Nhe'engatu - Nome de Turibio Gomes que significa palavra boa/bonita. Nome da retomada.

Nhemongarai - Ritual de batismo no qual as crianças recebem o seu nome tradicional.

Nhundy - Campos. Nome da aldeia Estiva.

Opy - Casa de reza, onde os Guarani se relacionam com seu mundo espiritual.

Tekoa – Aldeia ou lugar onde se vive.

Xeramoin - Ancião, avô ou guardião do conhecimento.

Xejaryi - Mulher Anciã, avó ou guardiã do conhecimento.

Yvy Rupa - Território de ocupação milenar do Povo Guarani.

Yvy vaí - este mundo ou terra imperfeita.

ANEXOS

Anexo 1

Relatório Qualificação de Reivindicação Fundiária Nhe'engatu (Funai, 24 e 25 de abril de 2024).



7339895



08128.000160/2024-18



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS
SERVIÇO DE GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL

RELATÓRIO QUALIFICAÇÃO DE REIVINDICAÇÃO FUNDIÁRIA NHE'ENGATU

Coordenação Regional Litoral Sul (CR-LIS)
Coordenação Técnica Local de Porto Alegre/RS

Nome da reivindicação: Nhe'engatu.

1) Tipo de reivindicação (identificação, reestudo de limites ou restrição de uso – para o caso de índios isolados, constituição de reserva indígena).

Cessão.

2) Quem apresentou a reivindicação?

A própria comunidade indígena, conforme Documento Retomada (6331988).

3) Etnia(s):

Mbya Guarani.

4) Dados populacionais.

Durante a atividade *in loco* (24 e 25/04/2024) foram contabilizadas 35 famílias, totalizando 112 pessoas, que estavam morando em 26 unidades residenciais. Cerca de metade da população da aldeia é composta por crianças e adolescentes, existindo também algumas pessoas idosas.

Há que se destacar que a organização social guarani está ancorada na mobilidade de grupos familiares por diferentes aldeias e regiões de seu território histórico, tanto na forma de visitas como de mudanças (ver bibliografia referenciada no item 18). Assim, é comum encontrar flutuações ao longo do tempo na quantidade de pessoas e famílias que habitam uma aldeia. A expectativa do grupo de Nhe'engatu à época era que em breve chegariam novos moradores, parentes das famílias que já estavam ali estabelecidas.

5) Localização da área reivindicada.

A aldeia Nhe'engatu está localizada no endereço Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy, 3825, bairro Vila Elsa (com entrada pelo bairro Tarumã), no município de Viamão, estado do Rio Grande do Sul. O acesso principal à Estrada Cap. Gentil Machado de Godoy se dá pela rodovia RS-118. O município de Viamão integra a região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado.

6) Descrição geográfica da área reivindicada (nome de rios, serras, igarapés, lagos, morros, fazendas, áreas urbanas etc.).

Na área está situado um corpo d'água conhecido como Arroio Mendanha. No entanto, no Mapa Macrozoneamento de Viamão (7339886), o riacho aparece com o nome de Arroio do Passo da Figueira, sendo a denominação Mendanha reservada a um de seus formadores, a montante. Do outro lado da Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy, a leste e nordeste da área reivindicada, o referido mapa indica a Sanga Águas Mortas, que se junta, ao norte da área, já fora do município de Viamão, ao Arroio do Passo da Figueira / Mendanha. A partir deste encontro, no município de Alvorada, o corpo d'água passa a ser denominado Arroio Águas Belas, ao menos pelo que se depreende do Mapa da Bacia Hidrográfica do Rio Gravataí (disponível em <https://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>). O Arroio Águas Belas é um afluente da margem esquerda do rio Gravataí, que, por sua vez, desemboca no delta do Jacuí, cujas águas formam o Lago Guaíba.

O entorno conhece a área reivindicada como "Fepagro", em razão de ali ter funcionado uma das unidades da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), extinta em 2017. Atualmente, parte das instalações presentes na área são utilizadas para as atividades do Centro Estadual de Diagnóstico e Pesquisa em Aquicultura (CEPAQ), integrante do Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária (DDPA) da Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do Rio Grande do Sul. Ao sul, o imóvel faz divisa com o Autódromo Internacional de Tarumã.

De acordo com o Plano Diretor do município de Viamão, a área reivindicada está inserida em uma Macrozona Urbana de Consolidação - ver Mapa Macrozoneamento de Viamão (7339886) (disponível no site da prefeitura: <https://www.viamao.rs.gov.br/portal/secretarias-paginas/15/mapas-da-cidade/>). Na Lei n. 4.154/2013 que instituiu o Plano Diretor, consta:

Art. 123. A Macrozona Urbana de Consolidação é caracterizada pela presença dos seguintes elementos: I - centro urbano; II - vazios urbanos; III - ocupações irregulares; IV - condomínios fechados; V - concentração de infraestrutura e serviços; VI - degradação de arroios; VII - ocupações irregulares em: a) áreas de risco; b) áreas de preservação permanente - APPs; c) áreas verdes; d) áreas públicas; VIII - escassez de áreas públicas e de convívio; IX - alta densidade populacional; X - conurbação com Porto Alegre; XI - conurbação com Alvorada; XII - parcelamento fragmentado, sem integração viária; XIII - espraiamento da malha urbana.

Art. 124. A Macrozona Urbana de Consolidação tem como objetivos principais orientar as políticas públicas no sentido de: I - consolidar a área urbana; II - integrar os parcelamentos existentes; III - possibilitar a produção de empreendimentos de habitação de interesse social; IV - realizar a regularização fundiária; V - conservar e recuperar o patrimônio histórico e natural; VI - qualificar a mobilidade; VII - ampliar e qualificar as áreas públicas de convívio, esporte, lazer, cultura e áreas verdes; VIII - ampliar equipamentos públicos (escolas, saúde, assistência social); IX - permitir o adensamento populacional onde este ainda for possível, como forma de otimizar a infraestrutura disponível.

7) Coordenadas geográficas (datum WGS 84):

Coordenadas geográficas	Descrição
30° 2'22.39"S / 51° 1'10.43"O	Opy (casa cerimonial/casa de reza). Na ocasião, os barracos de lona e madeira estavam dispostos nas proximidades da <i>opy</i> .
30° 2'13.57"S / 51° 1'18.39"O	Local onde a comunidade estava construindo casas mais adequadas à moradia.
30° 2'15.63"S / 51° 1'15.03"O	Casa em construção.
30° 2'15.58"S / 51° 1'14.07"O	Local preparado para receber uma casa.
30° 2'19.39"S / 51° 1'34.11"O	Roça.
30° 2'6.73"S / 51° 1'35.61"O	Árvore de cedro (espécie sagrada).

As coordenadas foram obtidas *in loco* e indicam sumariamente alguns pontos de referência, não representando a totalidade das referências, tampouco limites.

8) Caracterizar a ocupação presente na área e descrever, se possível, as relações entre a comunidade que apresentou a reivindicação e outras comunidades indígenas. (O grupo veio de onde? Ainda frequenta a área de origem? Cite os principais fatos e documentos referentes à ocupação e às movimentações e migrações do grupo):

À época do levantamento de informações *in loco* (24 e 25 de abril de 2024), os Guarani de Nhe'engatu já tinham plantado batata-doce e algumas espécies de horticultura, bem como iniciado o preparo do solo para plantio de cultivos agrícolas (30° 2'19.39"S / 51° 1'34.11"O). Aproximados 400 metros em linha reta desde a roça, em sentido nordeste, os homens da comunidade trabalhavam na construção de casas com tábuas de madeira, em local sombreado, nas bordas de uma área de mata nativa. Partindo destas casas, à cerca de 300 metros em direção sudeste, entre a estradinha de chão batido e a lagoa, estavam instaladas as barracas de lona e madeira (troncos finos) sob as quais as famílias vinham se abrigando até então. Dispostas em semicírculo em uma pequena clareira sombreada, algumas barracas ficavam bem próximas umas das outras, conformando pequenos conglomerados de vizinhos que materializavam espacialmente os grupos de parentesco ligados por consanguinidade e afinidade. Mais próximo ao lago, um galpão (que já estava no local) foi reformado e servia a vários propósitos, como armazenar comida, reunir com não indígenas (*jurua*) que visitam a aldeia e também como moradia temporária de uma família da comunidade.

A única benfeitoria que à época estava pronta, construída com recursos vegetais e barro, era a *opy*, conhecida em português como 'casa de reza' ou 'casa cerimonial', por nela se realizarem várias cerimônias centrais à tradição mbya guarani. Conforme fartamente registrado pela bibliografia etnológica especializada, a *opy* tem um lugar de destaque na sociocosmologia mbya, correspondendo a um "a um lugar sobre a Terra capaz de concentrar as atenções dos deuses, que olhariam (*-mae*) para as almas aí reunidas" (Pissolato 2007: 381). A casa de reza, como um espaço capaz de reunir na Terra as almas-palavras (*nhe'e*) enviadas por Nhanderu desde várias partes do céu, permite também uma totalização no plano do parentesco, correspondente "à definição de uma coletividade de filhos de um mesmo 'pai', Nhanderu [literalmente "nosso, nhande; pai, ru"]" (: 384). As casas de reza situadas em cada aldeia e espalhadas pelo território histórico dos Guarani "concentrariam os cuidados deste grande pai e difundiriam amplamente as capacidades por ele transmitidas" (idem). Não foi à toa, portanto, que a comunidade de Nhe'engatu optou por construir a *opy* antes mesmo das casas, contrariando um senso comum utilitarista que priorizaria o conforto individual em vez da saúde espiritual coletiva.

Uma das maiores cerimônias guarani realizadas na *opy* é o *nhemongarai*, ocasião na qual o *karai* (xamã) descobre de qual parte do espaço celeste se origina a alma (*nhe'e*) de cada criança, batizando-a com o nome guarani correspondente à sua origem. Essa cerimônia é mencionada pelos indígenas na Carta (SEI n. 6331988) enviada à Funai, quando dizem que notaram na área a "presença de abelhas nativas, cujo mel representa alimento sagrado utilizado, sobretudo, na cerimônia de batismo das crianças guarani, onde recebem o nome tradicional, preservando a espiritualidade do povo Guarani". Cerimônias menores e mais frequentes também são realizadas na *opy*, nas quais os mbya rezam a Nhanderu por meio do canto, da dança e de palavras inspiradas. Efetivamente, ao fim do levantamento de informações no dia 25/04, quando a equipe da Funai saía da aldeia já era noite, sendo possível ouvir o som dos bastões de ritmo (*takuapu*) e das vozes das mulheres indígenas cantando na *opy*.

Por ser um lugar conceitual que articula os planos divino e terrestre, a casa de reza também é o local ideal para o aconselhamento (*-mongueta*) dos mais jovens pelos mais velhos, principalmente por aqueles reverenciados pelos termos *xeramõi* (literalmente, 'meu avô') e *xejari* ('minha avó') (ver, por exemplo, Cadogan 1997 [1959], Pissolato 2007 e Hotimsky 2023). Foi a partir deste tipo de aconselhamento, que integra as formas de transmissão de conhecimento e de reprodução cultural entre os Guarani, que a aldeia Nhe'engatu foi concebida. Conforme relatado por Eloir, seus avós maternos, quando vivos, aconselhavam sua família (à época na aldeia Estiva) a encontrar um local mais apropriado para viver, a "criar um espaço para vocês". Estes aconselhamentos ocorreram tanto na casa de reza da Estiva, quanto na casa de reza da aldeia Pindo Mirim (ambas em Viamão).

Os avós, no caso, eram Turíbio Gomes (Karai Nhe'engatu) e Laurinda Borges (Kerexu), casal de anciãos de grande prestígio e que exercia uma liderança espiritual mais abrangente entre o povo Guarani. Turíbio e Laurinda caminharam por muitos locais e passaram por várias aldeias ao longo de suas vidas. Em meados de 2000, saíram da aldeia Estiva e fundaram a aldeia Pindo Mirim (na localidade de Itapuã, na porção sul de Viamão – ver imagem de satélite nos anexos, item 18), onde viveram por mais de duas décadas. Neste período, ao modo guarani, continuavam fazendo e recebendo visitas de outras aldeias, como, por exemplo, Estiva e Para Roke (Rio Grande/RS), onde moram algumas de suas filhas e netas(os). Um breve resumo da trajetória do casal de anciãos está disponível na dissertação de Prates (2009). A senhora Laurinda faleceu em 2023 na aldeia Estiva, onde vivia com suas filhas desde a morte do marido, ocorrida no ano anterior (2022). Ambas as mortes causaram grande comoção aos Guarani no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, extrapolando a parentela extensa dos anciãos. Turíbio falecera centenário, com mais de cem anos de idade,

o quê, para os indígenas mbya, significa que ele sabia ver e ouvir os sinais de Nhanderu, tanto fora da *opy* como no seu interior.

Segundo a cosmogonia guarani, esta Terra na qual a humanidade vive é imperfeita, marcada pela finitude, pela vida breve, em tudo diferente da Terra na qual vivem as divindades, que foi popularizada na literatura como Terra Sem Males (*yvyju, yvyju mirim, yvy marã e'y*), onde há abundância e eternidade (ver Nimuendaju 1987 [1945], H. Clastres 1978, P. Clastres 1990, Pissolato 2007, Ladeira 2008). Ao longo dos últimos séculos, a busca por essa Terra (*yvyju*) tomou várias formas, sendo constante o entrelaçamento entre os aspectos espiritual (religioso) e territorial presentes na organização social guarani. Atualmente, os Mbya Guarani dizem que é preciso estar atento ao que é enviado por Nhanderu. Foi Ele que entregou o milho verdadeiro (*avaxi ete*) aos escolhidos, nos primórdios da humanidade, e é Ele que até hoje envia às pessoas as qualidades que as tornam capazes de continuar (co)existindo:

Tudo afinal que faz parte da experiência dos vivos e os mantém como tal depende do que traduzem os Mbya como “a vontade de Nhanderu”, a quem se deve sempre “pedir” (*-jerure*), “perguntar” (*-porandu*), “escutar” (*-endu*), “prestar atenção” (*-japyxaka*). De quem se pode obter a cura de aflições, o “fortalecimento” (*-mbaraete*) ou a “coragem” (*py'a guaxu*) para continuar na Terra. (Pissolato 2007: 228).

Nhanderu envia “capacidades existenciais” (: 320) para aqueles que estão atentos aos seus sinais e que vão em busca deles, tanto na vida doméstica como cerimonial. Para além do que se pode perceber durante a vigília, os Mbya valorizam o sonho como canal de comunicação com os deuses. A interpretação sobre o caráter ilusório (e perigoso) ou real (e saudável) de um sonho é objeto de controle social, e, por mais que seja construída coletivamente, costuma depender da análise de um ou mais expertos, como os xamãs (*karai*) e/ou anciãos (ver Pissolato 2007, Salustiano 2022 e Hotimsky 2023). De acordo com a bibliografia especializada, a “atenção aos sonhos é fundamental para a constituição da pessoa, do parentesco, do território, da coletividade, para a duração da vida e para, em alguns casos, atingir o *aguyje*, permitindo a passagem para a “Terra sem Males” (*yvy marã e'y*)” (Salustiano 2022: 08).

As pessoas que conseguem perceber os sinais enviados por Nhanderu, seja no sonho ou na vigília, dentro ou fora da *opy*, adquirem, ao longo de suas vidas, o *arandu porã* (o belo saber), isto é, conhecimentos capazes de proporcionar contentamento, ânimo e coragem para si e para aqueles com quem se convive. Esses sentimentos, ao serem continuamente renovados, fazem com que a vida nesta Terra imperfeita dure mais. Quando uma pessoa mbya atinge uma idade avançada, isso costuma ser visto como um sinal de que ela conseguiu se comunicar com Nhanderu (e outras divindades) ao longo de sua vida, aproximando-se de uma condição divina. Daí a razão de os anciãos (*xeramõi* e *xejari*) serem tão valorizados entre os Guarani, pois são eles que conseguiram fazer com que a vida durasse o máximo possível nesta Terra marcada pela finitude (Pissolato 2007: 411). São suas, portanto, as palavras mais importantes, que valem a pena ser seguidas. Se a longevidade (humana) aparece atualmente como a forma possível da eternidade (divina), a busca por uma Terra Sem Males nesta Terra imperfeita seria a busca por uma terra na qual a vida possa durar mais, um espaço sagrado. Levando isso em consideração, é possível compreender melhor as palavras dos indígenas de Nhe'engatu, registradas logo na primeira página da Carta (6331988) enviada à Funai:

Nós, da etnia Mbyá Guarani, seguimos a caminhada de nossos antepassados em busca da terra sem males, seguindo o sonho dos Xeramoi (anciões e anciãs). O resultado desse sonho e desta caminhada nos trouxe a revelação de um espaço específico que, para nossa organização social, é, sobretudo, sagrado.

Essa sacralidade foi materializada pela comunidade através da construção prioritária da *opy* (casa de reza), sendo também marcada no nome escolhido para a aldeia, Tekoa Nhe'engatu, em homenagem ao *xeramõi* Turíbio Gomes, cujo nome guarani era Karai Nhe'engatu. Foram as palavras dele, afinal, bem como de sua esposa Laurinda, que deram origem à aldeia, cuja fundação (em 14/02/2024) se encontra açambarcada por valores e processos próprios à organização social dos Mbya Guarani.

Para além dos aspectos mitológicos, Melià (1986) mostra que, ao longo dos últimos séculos, fatores ecológicos e econômicos atuaram na conformação da noção de “Terra Sem Mal”, caracterizando-a como um “solo onde se pode viver seu modo de ser autêntico” (: 108), ou seja, um lugar com condições ambientais adequadas à realização do que os Guarani chamam de *nhandereko*: ‘nosso (*nhande*) modo de ser (*teko*)’, ‘nosso costume’, ‘nosso jeito’ ou ‘nossa cultura’. Comumente traduzida por ‘aldeia’, a palavra *tekoa* (*teko-a*) significa literalmente ‘o lugar (*a*) do *teko*’. Em outras palavras, o lugar no qual é possível viver de acordo com o modo de ser guarani. Melià (1990) destaca algumas “constantes ambientais” presentes em um *tekoa*, distinguindo três espaços intimamente relacionados: i) o das residências e casa de rezas, normalmente dispendo de água potável; ii) o espaço das roças, que além de áreas férteis inclui áreas

com cobertura vegetal, necessárias ao pouso, característico da agricultura de rodízio praticada pelos Guarani; iii) o espaço da mata, utilizado para caça, pesca e coleta (de alimentos, remédios, lenha, matéria-prima para construção de casas, artefatos e artesanatos).

A área na qual está situada a Tekoa Nhe'engatu apresenta claramente estas três dimensões, conjugando espaços de moradia, plantio e mata nativa, dispondo também de nascente, arroio (riacho) e lago.

Para além da importância espiritual, que só pode ser reconhecida por nós Guarani e nossos Karai (Líderes Espirituais), essa terra tem como peculiaridade a existência de recursos naturais, além de bens materiais, que possibilitam a vivência entre os Guarani, dentre eles: frutas, recursos hídricos, lugar para plantio e fácil acesso. (Carta SEI n. 6331988, p. 4).

Os indígenas também destacam a existência de “muitas plantas medicinais, que já não são encontradas em quase nenhum território Guarani atualmente”, como o *yvyra karai* e o *tajy*. Enfatizam, ainda, o contraste com a qualidade ambiental de outras áreas que estão em processo de cessão para comunidades indígenas no estado:

Via de regra, as instituições públicas, responsáveis por destinar terras aos povos indígenas no Rio Grande do Sul, escolhem locais que não contam com os recursos naturais que necessitamos para viver nosso modo de vida. Geralmente, nos são destinadas terras já degradadas pela agricultura do homem branco, com pouca fertilidade natural, com pouca (ou nenhuma) mata nativa e que são de difícil acesso. É muito comum encontrarmos aldeias em cima de antigas plantações de monocultura de eucalipto. (Carta SEI n. 6331988, p. 4).

A aldeia Estiva, conhecida em guarani como Nhundy, também localizada em Viamão, é uma destas aldeias que teve início em uma terra degradada. Foi da aldeia Estiva que veio a maior parte do grupo que hoje está em Nhe'engatu. A área da Estiva, com cerca de 7 hectares, foi cedida pela Prefeitura de Viamão aos indígenas nos anos 1990 (ver Prates 2009: 22). A CR-LIS, no entanto, não tem acesso ao documento comprobatório desta cessão, sendo a aldeia Estiva objeto de processo de identificação e delimitação, encabeçado por Grupo Técnico (GT) constituído através da Portaria n. 1426/PRES de 14/11/12.

Importa trazer essas informações sobre Estiva porque elas se relacionam com outra face dos aconselhamentos (*-mongueta*) supramencionados de Turíbio e Laurinda e que diz respeito à dinâmica de desenvolvimento das famílias extensas entre os Guarani. Com o passar do tempo, a tendência é que, à medida que relações de afinidade vão sendo construídas com membros de outras famílias, os descendentes de um casal de anciãos busquem espaços nos quais possam criar seus próprios filhos(as) e netos(as). Isto pode ocorrer tanto dentro da mesma aldeia como ocasionar a mudança de parte do grupo para outra aldeia. Neste caso, quando há espaço suficiente, essa mudança pode se dar no interior de uma mesma terra indígena ou recorrer a um espaço mais afastado, localizado em região distante, mas inserida no território histórico guarani.

O espaço disponível na aldeia Estiva não conta com tamanho e características suficientes para esta dinâmica. Não à toa, Turíbio e Laurinda saíram dali em 2000 para fundar a aldeia Pindo Mirim (Prates 2009: 30), que até o momento está circunscrita a uma área de propriedade estadual, enquanto a comunidade aguarda a publicação do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) do GT constituído pela Funai por meio da Portaria n. 874/PRES de 31/07/2008. Alguns anos depois da mudança de Turíbio e Laurinda para Pindo Mirim, a antropóloga Maria Paula Prates (2009: 29) registrou a vontade de algumas das filhas do casal de sair da aldeia Estiva para uma área no município de Canela: “Dizem que lá há muito mato e água boa, em contraste com a aldeia Estiva, onde não há muito mato e nem rio”. Prates também apresenta um croqui da aldeia Estiva (: 25) e relaciona a roça “bastante reduzida” ao “pouco espaço físico na aldeia” (: 27). De acordo com a autora, a mudança para Canela/RS não aconteceu naquele momento porque o grupo aguardava a constituição do GT para identificação e delimitação de Estiva, o que ocorreu em 2012. No entanto, até o momento não houve a apresentação do RCID de Estiva/Nhundy. Ywá, também conhecida como Talcira, uma das filhas de Turíbio que em 2009 pensava em se mudar para Canela, acabou se mudando em 2017 para Rio Grande/RS, fundando a aldeia Para Roke junto a seus parentes mais próximos. A mudança de Talcira teve como mote a morte de sua avó e a falta de espaço na aldeia Estiva, pois lá “não dava pras galinhas nem pras plantas”, conforme registrado no Relatório de Qualificação da Reivindicação Fundiária Para Roke (SEI n. 0635021). Em Pindo Mirim, depois da morte de Turíbio e Laurinda, a liderança espiritual passou a ser exercida pelo genro do casal, o senhor Augusto, com apoio de seus filhos, netos de Turíbio e Laurinda. Na aldeia Estiva, por sua vez, Zico, filho mais velho de Talcira, exerce há anos a liderança como cacique.

Como dito, boa parte do grupo que reside atualmente em Nhe'engatu morava antes na Estiva, mas teria se desentendido com parte do grupo que permaneceu morando por lá. Entre os dois grupos, parte de seus membros são primos(as), ou seja, netos(as) de Turfbio e Laurinda, filhos(as) de seus filhos(as). Nesse sentido, o conselho dado pelos anciãos à parte de seus netos, de "criar um espaço para vocês", parecia antever o conflito interno que viria a ocorrer na Estiva, opondo duas partes da mesma família extensa. Um dos modos de lidar com os conflitos internos entre os Guarani, conforme descrito na literatura etnológica (ver, por exemplo, Pissolato 2007: 234), é justamente o afastamento, seja pela mudança de casa na mesma aldeia ou pela mudança de aldeia. O pouco espaço disponível na Estiva e as características ambientais do local não possibilitaram que esta mudança ocorresse dentro da mesma área. Daí, portanto, que a solução do grupo tenha passado pela mudança para uma área com outras características, mas situada no mesmo município, de modo a não alterar bruscamente as relações sociais estabelecidas ao longo das últimas décadas com as outras aldeias na região e com o entorno.

De acordo com os indígenas, morar apertado, com as casas muito perto uma das outras, não faz parte do *nhandereko* ('nosso costume') justamente porque não propicia um afastamento saudável entre as famílias, fundamental para a prevenção e resolução de conflitos internos. Neste sentido, cumpre destacar que, à diferença das barracas provisórias estabelecidas próximas umas às outras (em semicírculo) em Nhe'engatu, as casas de madeira estão sendo construídas de modo mais afastado, respeitando justamente o espaçamento necessário entre os grupos de parentesco.

O contraste entre as condições de vida na Estiva e em Nhe'engatu foi salientado diversas vezes, como expresso entre as páginas 2 e 3 da Carta supracitada:

Quando chegamos no local, nossos corações dispararam, pois o sentimento era de estar fora de casa por muito tempo, e também a dor de reconhecer a tristeza e o mal estar do nosso corpo e espírito de estar fora de casa, presos em territórios degradados ou em beiras de estrada. Começamos a observar o sorriso das crianças se abrindo ao interagir com tudo ao redor: com as matas, com as águas, com cada inseto que passava e a possibilidade de ver algum animal nativo.

E também, o sorriso se abrindo nos mais velhos, que começaram imediatamente a contar histórias provindas de suas memórias territoriais originárias e de nossos antepassados que puderam morar em suas verdadeiras casas, pois onde estávamos até essas memórias foram silenciadas e temporariamente esquecidas devido a todo o sofrimento de não se reconhecer e pertencer a terra onde moram. Contudo, uma alegria surgiu e fez reascender a chama de nossa cultura, de nosso modo de vida. Para nós esse sentimento de bem estar, alegria e pertencimento do nosso povo é o que define o conceito de território tradicional.

As informações levantadas *in loco* e a breve pesquisa realizada para a finalidade deste relatório indicam que a habitação da comunidade indígena na Tekoa Nhe'engatu, desde sua concepção até o seu desenvolvimento atual, vem ocorrendo com base nos valores, costumes e tradições característicos da organização social do povo Mbya Guarani, conforme registrados na bibliografia especializada.

Para fins de atualização, considerando que as informações foram levantadas presencialmente em abril, notícias recebidas por meio do Ofício CGY nº 179/2024 de 02/08/2024 (7103845) dão conta de que a comunidade vem dando continuidade às atividades agrícolas e à construção das casas, já tendo finalizado algumas delas (ver fotos no corpo do ofício mencionado).

Por fim, cumpre destacar que o município de Viamão e região integram o território histórico guarani, como atestam diversas pesquisas arqueológicas e históricas abrangendo desde o período anterior à chegada dos europeus até os períodos colonial, imperial e republicano – ver, por exemplo, Noelli (1997), Milheira e Wagner (2014), Flores (1989), Langer (1997), Kühn (2006), Catafesto de Souza (2008) e Diehl (2012 e 2016).

9) Situação fundiária da área reivindicada.

O Estado do Rio Grande do Sul ingressou na 3ª Vara Cível de Viamão com a ação de reintegração de posse n. 5020736-35.2024.8.21.0039 contra a comunidade indígena, tendo o Juízo declinado a atribuição para a Justiça Federal. De acordo com a petição inicial dos autos, trata-se de área de propriedade estadual "registrada no RI desta Comarca sob matrícula 75.662", onde funciona o Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Aquicultura (CEPAQ), subordinado ao Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do Estado do Rio Grande do Sul. A área é conhecida pelo entorno como a "Fepagro de Viamão" por ali ter funcionado uma unidade

da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), que foi extinta pela Lei Estadual n. 14.978, de 16 de janeiro de 2017.

Embora o Estado afirme na petição que a presença dos indígenas "coloca em risco os projetos de pesquisa em andamento, bem como tem gerado inseguranças também aos servidores que trabalham no local", cumpre destacar que a habitação da comunidade é pacífica, não havendo relatos de animosidade de nenhuma das partes. Quanto ao alegado prejuízo às pesquisas, nada de concreto foi apresentado pela parte autora, a não ser documento que menciona genericamente "prejuízos que podem afetar os projetos de pesquisa", sem, entretanto, especificar quais seriam esses riscos ou prejuízos. Durante o levantamento de informações no local, em abril, notou-se que os servidores do Estado e os indígenas circulavam pela área sem qualquer interferência nas atividades uns dos outros. Causou certo estranhamento à equipe a presença de gado de corte em algumas porções da área, uma vez que a atividade não é mencionada no [sítio eletrônico do CEPAQ](#).

Ainda na petição, consta que a área abriga espécies vegetais raras, ameaçadas de extinção no RS, sendo alegado que a ocupação da comunidade indígena traria "a descaracterização dos remanescentes da flora nativa", por meio do "avanço de novas instalações destas comunidades". No entanto, conforme já registrado em pesquisas diversas, as práticas tradicionais de manejo florestal dos Guarani resultam em incremento da biodiversidade local, sendo capitais tanto na preservação quanto na restauração de ecossistemas nativos (ver, por exemplo, Noelli 1998, Medeiros 2006 e Batista et al 2020). Por outro lado, em ao menos uma das porções de mata nativa presentes na área, constatou-se a presença de antigos carros oficiais que, a julgar pelo grau de deterioração, estão há muitos anos abandonados em meio à vegetação (ver fotos abaixo). Em um dos veículos constava adesivo com os dizeres "Serviço Público Estadual - FEPAGRO". Além do potencial poluidor do descarte inadequado, constatou-se a presença de água parada em pneu velho próximo aos veículos, o que poderia trazer danos à saúde pública. Afastado dali, identificou-se outro local com descarte inadequado de pneus. Durante a visita, a equipe também notou várias benfeitorias em estado de abandono.

Apesar da judicialização do caso pelo Estado do Rio Grande do Sul, há histórico de tratativas entre Estado e União visando o encontro de contas daquele com esta, nas quais estariam incluídas as áreas de propriedade estadual habitadas por povos indígenas no Rio Grande do Sul. Maiores informações podem ser conferidas no processo SEI n. 08620.015544/2017-37. Por meio do Ofício 113 de 28/06/2024 (6857542), a CR-LIS solicitou à DPT que a área na qual está situada a Tekoa Nhe'engatu fosse incluída no rol destas área que estão em negociação entre União e Estado.

Recentemente, em 31/08/2024, o **Estado do Rio Grande do Sul e o Ministério dos Povos Indígenas assinaram Acordo de Cooperação Técnica** que, conforme consta no site do Estado do Rio Grande do Sul (<https://www.estado.rs.gov.br/estado-assina-acordo-de-cooperacao-tecnica-com-ministerio-dos-povos-indigenas-para-ampliar-politicas-publicas>), tem por objetivo: "formular, desenvolver e implementar políticas públicas voltadas aos povos originários. Especificamente, trata-se de construir conjuntamente as condições técnicas, administrativas e operacionais para identificar e implementar medidas de regularização fundiária das áreas estaduais de ocupação indígena, além de efetivar o Programa Estadual de Habitação Indígena".

10) Caracterização ambiental da área reivindicada (qual é o bioma? A área está preservada ou degradada? Quais são as principais atividades econômicas desenvolvidas no seu entorno?):

A área está inserida na porção nordeste do bioma Pampa, que se caracteriza pelo predomínio da vegetação de campo em relevo de planície. No entorno da área, há duas Unidades de Conservação (UC) estaduais: a cerca de 12 quilômetros de distância em linha reta, tem início o Refúgio da Vida Silvestre (RVS) Banhado dos Pachecos (com superfície de 2.560 hectares), e, a cerca de 2 quilômetros, está a porção sudoeste da Área de Proteção Ambiental (APA) do Banhado Grande (com superfície de 136.709,39ha distribuídos em quatro municípios).



O Plano de Manejo da RVS Banhado dos Pachecos descreve assim algumas das características ambientais de Viamão:

No município de Viamão, a cobertura vegetal é resultado da interpenetração entre formações fitoecológicas de Floresta Estacional Semidecidual e a Savana, havendo ainda influência das áreas de formações pioneiras marinhas (...). De acordo com o mapa das Regiões Fitoecológicas do Rio Grande do Sul (...), Viamão está situada em área denominada de Tensão Ecológica, com ocorrência de remanescentes de Vegetação Antrópico Urbana.

O município insere-se na zona de transição entre o bioma Pampa e a área de domínio da Mata Atlântica (...), no limite da subárea das Formações Pioneiras, na região geomorfológica da Planície Costeira. Apresenta em sua cobertura natural uma matriz formada por vegetação típica das primeiras fases de ocupação de novos solos, caracterizando a Área de Influência Fluvial. As principais comunidades vegetais são denominadas de Matas Higrófilas, Matas Mesófilas, Matas Sub-xerófilas, Matas Psamófilas ou Restingas, Capoeiras, Vassourais e Maricazais, bem como as formações pioneiras, cada qual associada a condições específicas de relevo, drenagem e solos. (SEMA 2022: 90).

De acordo com o Plano de Manejo da APA Banhado Grande, a UC é "uma das áreas úmidas mais importantes do Rio Grande do Sul", cujos "banhados são reguladores naturais do fluxo do rio Gravataí, funcionando como "esponjas" que amortecem os picos das cheias provocadas pelas enxurradas de precipitação, acumulam a água durante as épocas de enchentes e a liberam durante os períodos de estiagem" (SEMA 2021: 30). Entretanto, essas áreas úmidas se encontram atualmente alteradas, pois, "desde a década de 1940, a bacia tem sido densamente ocupada por áreas agrícolas para o cultivo de arroz, drenando suas áreas inundáveis, transformando os cursos" (idem).

A porção sudoeste da APA, a mais próxima à área reivindicada, é classificada no Plano de Manejo como "Coxilhas da Estância Grande", caracterizada da seguinte maneira: "A paisagem predominante é de áreas de campo entremeadas com capões de mata ciliar e de mata paludosa, com algumas manchas de áreas úmidas. Dentre as atividades antrópicas, predominam a pecuária, agricultura, sítios de lazer e áreas de turismo" (2021: 22). Coxilhas são colinas localizadas em regiões de campo. Na área reivindicada, elas apresentam pequena elevação, formando um relevo levemente ondulado, composto por campos e porções de mata nativa, além de porções com silvicultura de espécies exóticas. Há também áreas totalmente planas e duas lagoas/açudes de maior proporção. De acordo com os indígenas, há na área partes degradadas (com

capim e gado) e partes preservadas (com espécies nativas), "um pouco de cada". As áreas degradadas, porém, são passíveis de recuperação por meio das atividades tradicionais de manejo e/ou de projetos específicos de restauração. Alguns dos registros fotográficos, que ajudam a exemplificar os elementos da paisagem na área, estão disponíveis abaixo, nos Anexos deste relatório (item 18).

Consta no Documento Retomada (6331988) que existem no local "muitas plantas medicinais, que já não são encontradas em quase nenhum território Guarani atualmente. Como por exemplo: Yvyrá karai (pai das ervas-medicinais); Tãjy (Ipê-amarêlo); Pengué poã (Quebra-quebra); Guembé, Araticum, Butiá, Pata-de-vaca e outras que estão ameaçadas de extinção". Continua o documento: "Também, notamos a presença de abelhas nativas, cujo mel representa alimento sagrado utilizado, sobretudo, na cerimônia de batismo das crianças guarani, onde recebem o nome tradicional, preservando a espiritualidade do povo Guarani. Além disso, há uma nascente (...). Além de ter terra fértil para o cultivo e plantio de roças tradicionais".

Há que se destacar, por fim, que as enchentes que assolaram a região da grande Porto Alegre entre o fim de abril e o início de maio não causaram alagamentos na aldeia.

11) O grupo é contemplado por ações de promoção social? (descrever resumidamente o tipo de atendimento, se houver):

a) SESAI (DSEI Interior Sul). Na data do levantamento, os indígenas afirmaram que até aquele momento, a equipe da SESAI havia feito duas visitas à comunidade, sendo a primeira sem a presença de médico e a segunda com a presença de médico, ambas sem participação de dentista. A expectativa da comunidade é que as visitas da SESAI aconteçam com a frequência de uma vez por semana.

b) Governo federal. Na comunidade, há pessoas que recebem aposentadoria e bolsa-família. Houve também, por parte da Funai, entrega de lonas. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Viamão, doou alimentação e irá entregar mudas e ferramentas à comunidade.

c) Governo estadual. De acordo com o informado pela comunidade à época, ocorreu uma reunião com a Coordenadoria Regional de Educação, tendo como pauta a instalação provisória de uma escola na aldeia (em um galpão reformado), no intuito de atender as crianças ali residentes.

d) Governo municipal. Houve visita da Defensoria e da Secretaria de Educação do município. No entanto, os indígenas informaram que os servidores do município só estiveram ali para "ver" a situação da aldeia.

e) Ministério Público. Não foram mencionadas ações de promoção social.

f) Outros. Segundo relatado pelos indígenas, a comunidade recebeu doação de alimentos do Sindicato dos Professores do Estado do RS, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) e de particulares que os apoiam, chamados simplesmente de "apoiadores". Estes e a CGY também doaram lonas. Na parte agrícola, os indígenas relataram que a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) e o Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM) irão entregar mudas para plantio pela comunidade, bem como apoiar com ferramentas, o que também se espera da CGY. Por fim, a comunidade tem parceria com o empreendimento Quinta da Estância (Fazenda Quinta da Estância Grande, "pioneira em turismo rural, ecológico e pedagógico" no sul do país, cf. site da [Secretaria de Turismo do RS](#)), onde os indígenas mantêm uma "mini aldeia" para comercializar sua produção de artesanato e fazer apresentações do coral para alunos de escolas que visitam o espaço e levam doações, principalmente de alimentos e roupas.

12) Citar, quando houver, as Organizações Não-Governamentais que atuam junto ao grupo e as ações desenvolvidas:

Além das ações mencionadas acima (letra "f" do item 110), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) tem apoiado a comunidade na produção de documentos destinados a instituições - vide, por exemplo, o Documento Retomada (6331988), destinado à Funai. Também o CIMI e o IECAM vêm prestando algum apoio, conforme especificado no item anterior.

13) Descrever a situação de conflito/vulnerabilidade do grupo, quando for o caso (informações sobre segurança alimentar, principais doenças, violência gerada por conflito etc.):

Os indígenas relataram que até aquele momento (abril de 2024) não ocorrera conflito algum. O mais próximo disso foi quando, depois que estavam há cerca de uma semana no local, apareceu um homem *jurua* (não indígena) pescando no lago. Alguns dias depois ele voltou e os homens mbya o interpelaram, ao que o homem teria afirmado que tinha autorização da administração do centro (CEPAQ) para pescar na área, o que, desconfiaram, não deveria ser verdade e, se fosse, não seria regular. Na terceira vez que o homem apareceu, os indígenas o informaram que ele não podia mais pescar ali, não sendo admitida a presença de pessoas estranhas à comunidade na área da aldeia. Quanto às espécies de peixe presentes no lago próximo do qual estavam as barracas da comunidade, citaram principalmente traíra, cará e cascudo, fazendo a ressalva de que a pesca é exercida principalmente no verão, mantendo-se certo controle sobre a atividade, de modo a garantir que os peixes não diminuam em termos de quantidade e diversidade.

Inicialmente, era comum ouvirem tiros vindo de local próximo. Circulando pela mata, os indígenas tiraram três armadilhas (do tipo espia, que consiste num laço de aço) armadas por caçadores *jurua* (não indígenas). "Depois, acalmou", deixando a comunidade de notar a presença de caçadores nas imediações.

Com relação à segurança alimentar, os indígenas afirmaram que todos da comunidade conseguem fazer todas as refeições diárias, mas costuma faltar carne (*txo'o*). Parte dos alimentos é comprada com recursos financeiros obtidos pela prestação de serviços no entorno (silvicultura, lenha, horticultura, poda, artesanato, coral), havendo também dois professores que atuam no ensino diferenciado e um indígena que atua junto à Sesai. Outra parte da alimentação vem dos cultivos e da criação de galinhas, complementada com a coleta de frutas nativas.

Os indígenas afirmaram que entre o final de março e o início de abril várias pessoas da aldeia adoeceram, tendo como sintomas diarreia, vômito, gripe/resfriado e dor de ouvido. Cinco foram para o hospital mas já tinham se recuperado, restando à época (24-25/04/24) uma pessoa internada com pneumonia.

14) A área reivindicada está em situação de sobreposição? (citar os nomes e as datas de criação, se possível):

A área reivindicada não se encontra em situação de sobreposição com assentamento do INCRA ou Território Quilombola. Embora não haja sobreposição direta, os limites da porção sudoeste da APA Banhado Grande estão bem próximos da comunidade indígena (ver item 10).

15) A área reivindicada localiza-se em faixa de fronteira internacional?

A área não se encontra em faixa de fronteira internacional.

16) A área reivindicada sofre impacto de grandes empreendimentos em âmbito federal ou estadual? (se for o caso, descrever resumidamente o tipo de empreendimento e os impactos):

Quando perguntados sobre empreendimentos de grande porte na região, os indígenas mencionaram a construção de condomínios particulares no entorno.

Notícia publicada em 19/02/2024 no [Site da Assembleia Legislativa do RS](https://www4.al.rs.gov.br/noticia/335334) (<https://www4.al.rs.gov.br/noticia/335334>) menciona ofício encaminhado ao Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) "solicitando a elaboração de projeto para duplicação do trecho de 16 quilômetros da ERS-118, entre Gravataí — no entroncamento com a Freeway —, e o acesso à ERS-040, em Viamão". Notícia posterior mais recente, de 08/07/2024, publicada no endereço <https://www.oreporter.net/duplicacao-da-rs-118-e-uma-prioridade-afirma-pimenta-em-video/>, comunica ciência de Ministro do Governo Federal a respeito da discussão sobre os meios para realizar a duplicação.

17) Nome do(s) representante(s) do grupo e contato:

Solicitados a indicar um representante para preenchimento do roteiro deste relatório, os indígenas consultados afirmaram que não havia cacique na comunidade, pois, tratando-se de uma coletividade, não poderia haver margem para decisão individual que se sobrepusesse a decisões coletivas. Esclarecido este ponto, informaram os nomes e números de telefone abaixo indicados, repisando que os mesmos não possuem poder de decisão capaz de se sobrepor à vontade coletiva:

Wherá Xondaro: (51) 98446 3854

Karai Mirim: (51) 99623 5485

18) Fontes de pesquisas úteis e observações (outras informações sobre o grupo e sobre a reivindicação consideradas relevantes):

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Kátia M.; MILIOLI, Geraldo; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Saberes tradicionais de povos indígenas como referência de uso e conservação da biodiversidade: considerações teóricas sobre o povo Mbya Guarani. In *Ethnoscientia*, v. 5, 2020.
- CADOGAN, León. Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Biblioteca Paraguaya de Antropología - Vol XVI. Assunção: Fundación León Cadogan-CEADUC-CEPAG, 1997 [1959].
- CATAFESTO de SOUZA, José Otávio. As sociedades indígenas na região de Viamão. In BARROSO, Vêra Lucia Maciel (ORG.). *Raízes de Viamão*. Porto Alegre: FAPA- EST, p. 42-45, 2008.
- CLASTRES, Hélène. *Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Campinas: Papirus, 1990.
- DIEHL, Isadora T. Lunardi. "Administrando almas": uma análise da escravidão indígena através das unidades familiares, Campos de Viamão (1750-1760). Trabalho de Conclusão de Curso de História. Departamento de História, UFRGS. Porto Alegre, 2012.
- _____. Isadora T. Lunardi. *Carijós, mulatas e bastardos: A administração indígena nos Campos de Viamão e na Vila de Curitiba durante o século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS. Porto Alegre, 2016.
- FLORES, Moacyr. A transmigração dos guaranis para a aldeia de Nossa Senhora dos Anjos. In *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUC, XV, n. 1, 81-91, 1989.
- HOTIMSKY, Marcelo. *Sonhos compartilhados: dos encontros oníricos às práticas de aconselhamento entre os Guarani Mbya*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP. São Paulo, 2023.
- KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, Sociedade e Poder no Sul da América Portuguesa - Século XVIII*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, UFF. Niterói, 2006.
- LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. Maringá: Eduem; São Paulo: EDUSP, 2008.
- LANGER, Protásio. *A Aldeia Nossa Senhora dos Anjos: a resistência do guarani-missionário ao processo de dominação do sistema luso*. Porto Alegre: EST Edições, 1997.
- MEDEIROS, Jean C. de Andrade. *Reestabelecendo um Tekoá pelos índios Guarani Mbyá: Um estudo de caso da aldeia Yakã Porã – Guaruva/SC*. Dissertação (Mestrado em Agressividades), PPGAGRO/UFSC. Florianópolis, 2006.
- MELIÀ, Bartolomeu. *El Guarani conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5, 1986.
- _____. A terra sem mal dos Guarani: economia e profecia. In *Revista de Antropologia*, FFLCH/USP, v. 33, p. 31-46. São Paulo, 1990.
- MILHEIRA, Rafael G. e WAGNER, Gustavo P. *Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Ed. Appris, 2014.
- NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní*. Tradução de Charlotte Emmerich & Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC e EDUSP, [1945] 1987.
- NOELLI, Francisco. O mapa arqueológico parcial e a revisão historiográfica a respeito das ocupações indígenas pré-históricas no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. In *Revista de História Regional*, v.2, n.1, UEPG. Ponta Grossa, 1997.
- _____. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação guarani de comunidades vegetais no século XVII. In *Fronteiras - Rev. História UFMS*, Campo Grande/MS, 2(4): 275-296, jul./dez., 1998.
- PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Ed. UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NuTI, 2007.
- PRATES, Maria Paula. *Dualidade, pessoa e transformação: relações sociocosmológicas mbya-guarani no contexto de três aldeias no RS/Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- SALUSTIANO, Hugo. *Sonho entre os Guarani: ensaio bibliográfico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP. São Paulo, 2022.
- SEMA. Plano de Manejo APA do Banhado Grande. Disponível em <https://www.sema.rs.gov.br/arca-de-protecao-ambiental-do-banhado-grande> (acesso em julho de 2024). Rio Grande do Sul, 2021.

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório

Plano de Manejo da RVS Banhado dos Pachecos. Disponível em <https://www.sema.rs.gov.br/refugio-de-vida-silvestre-banhado-dos-pachecos> (acesso em julho de 2024). Rio Grande do Sul, 2022.

ANEXOS (fotos; imagens de satélite da comunidade e entorno, atas de reunião etc.):



Foto 1. Casa de reza (*opy*).

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório



25 de abr de 2024 15:20:59
-30°2'22,116"S -51°1'11,268"W
Alvorada

Foto 2. Barracos provisórios.



24 de abr de 2024 14:05:21
-30°2'24,378"S -51°1'13,476"W
Viamão

Foto 3. Mulheres guarani lavando roupa à beira do lago/açude.

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório



Foto 4. Área preparada para plantio.



Foto 5. Rapazes guarani pescando.

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório



Foto 6. Casa da comunidade em construção.



Foto 7. Casa da Fepagro/CEPAQ em estado de abandono.

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório



Foto 8. Veículos da Fepagro abandonados na mata (Fusca e Combi).



Foto 9. Veículo da Fepagro abandonado na mata (Belina).

Técnico responsável pelas informações: Kaio Domingues Hoffmann, ocupante do cargo de Especialista em Indigenismo, lotado no Serviço de Gestão Ambiental e Territorial (SEGAT) da Coordenação Regional Litoral Sul (CR-LIS). Formação: doutorado em antropologia social.

Data da atividade: 24 e 25 de abril de 2024.

n.º da Ordem de Serviço: Instrução Técnica Executiva CR 3 (6428443).

São José/SC, na data da assinatura.



Documento assinado eletronicamente por **Kaio Domingues Hoffmann, Especialista em Indigenismo**, em 17/09/2024, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

23/09/2024, 09:57

SEI/FUNAI - 7339895 - Relatório



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site:

[http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7339895** e o código CRC **D514D12F**.

Referência: Processo nº 08128.000160/2024-18

SEI nº 7339895

Anexo 2

Carta da comunidade Guarani Mbya, enviada à Funai em 14 de fevereiro de 2024.

Retomada Guarani Mbyá, Nhe`engatu, Viamão, RS.

Nós, Povo Guarani Mbyá, do Rio Grande do Sul, estamos cansados de viver nas margens de nossas terras originárias, dentro de áreas degradadas ou em acampamentos de beira de estradas. Em função disso decidimos retomar um pequeno pedaço do nosso grande território ancestral, o qual chamamos de Tekoá Nhe'engatu, localizado no município de Viamão, Rio Grande do Sul.

Com essa retomada também homenageamos ao nosso avô, Turíbio Gomes, que morreu com 101 anos de idade, e todos os nossos anciões e anciãs que lutaram e padeceram pela busca de uma vida mais digna para o povo Guarani Mbyá, eles não conseguiram, ao menos passar alguns de seus dias de existência, dentro da terra demarcada.

Não temos mais paciência. O tempo passa e nossos Xeramoĩ, como nosso avô Turíbio, e nossas Xejuryi, como a Laurinda, estão morrendo.

Não é justo vermos nossas crianças nascerem e crescerem em situação de profunda vulnerabilidade, sem perspectivas de uma vida tranquila, justa e saudável.

Passamos nossos anos em casas improvisadas - barracos de lonas - sem terra para plantar nossas roças, sem água potável para beber, sem mato e, sequer temos um lugar para construir nossa Opy, casa de Reza. Não aceitamos mais essa dura e degradante realidade.

Diante desse contexto de desrespeito aos nossos direitos fundamentais, decidimos ingressar nessa área em Viamão, fazendo memória de nossos velhos e velhas, que lutaram, mas não puderam ver garantidos os seus direitos.

Por causa deles, que nos inspiram e nos guiam, estamos aqui, nessa Tekoá Nhe'engatu, dizendo que esta terra tem dono.

Tornamos o grito de Sepé Tiaraju, nosso grande líder e guerreiro, o nosso grito por terra e vida.

Requeremos, nesse momento, que a Funai assuma suas obrigações e agilize os procedimentos de demarcação de terras para nosso povo. Que sejam retomados os procedimentos paralisados e que se inicie a demarcação dessa nossa Tekoá Nhe'engatu, agora ocupada pelos Guarani Mbyá.

Também requeremos a presença das equipes da SESAI, responsável pela assistência de saúde. Pedimos o apoio do Ministério Público Federal, aquele que tem o dever de fazer a

defesa de nossos direitos, e principalmente do Ministério dos Povos Indígenas, assim como queremos a participação da Defensoria Pública da União, como órgão que nos auxilie nas demandas jurídicas.

Contamos também com apoio das demais comunidades Guarani Mbyá do Rio Grande do Sul e os apoios dos parentes Kaingang, Xokleng e Charrua.

Seguimos todos nas mesmas lutas, por terra, território e justiça. Demarcação já!

Viamão, 14 de fevereiro de 2024.

Retomada Nhe'engatu

Anexo 3

Minha Família



Minha Família. Minha mãe, meus irmãos e eu, o segundo da direita à esquerda.



Minha filha Mariah com a avó paterna, minha mãe Genira.



Mariah com seu avô paterno, meu pai Maurício.



Meus filhos Mariah e Theodor.



Minha Mãe Para Rete (Genira).



Minha esposa Shaline com meus filhos.

Turibio e Laurinda



Fonte: Imagem adquirida com minha irmã, Marciana Gomes.